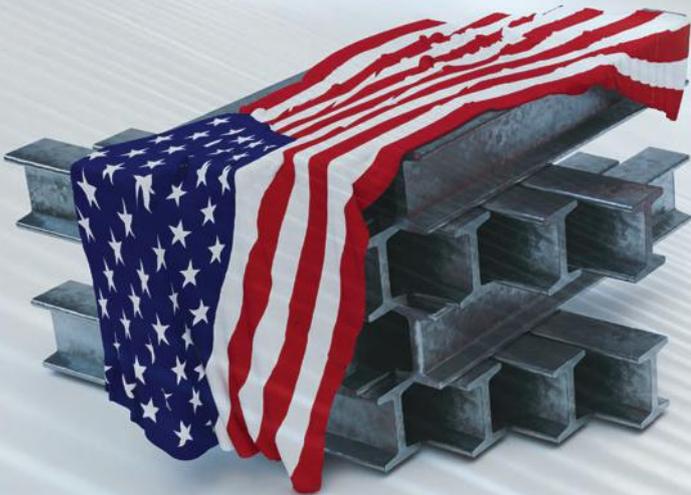


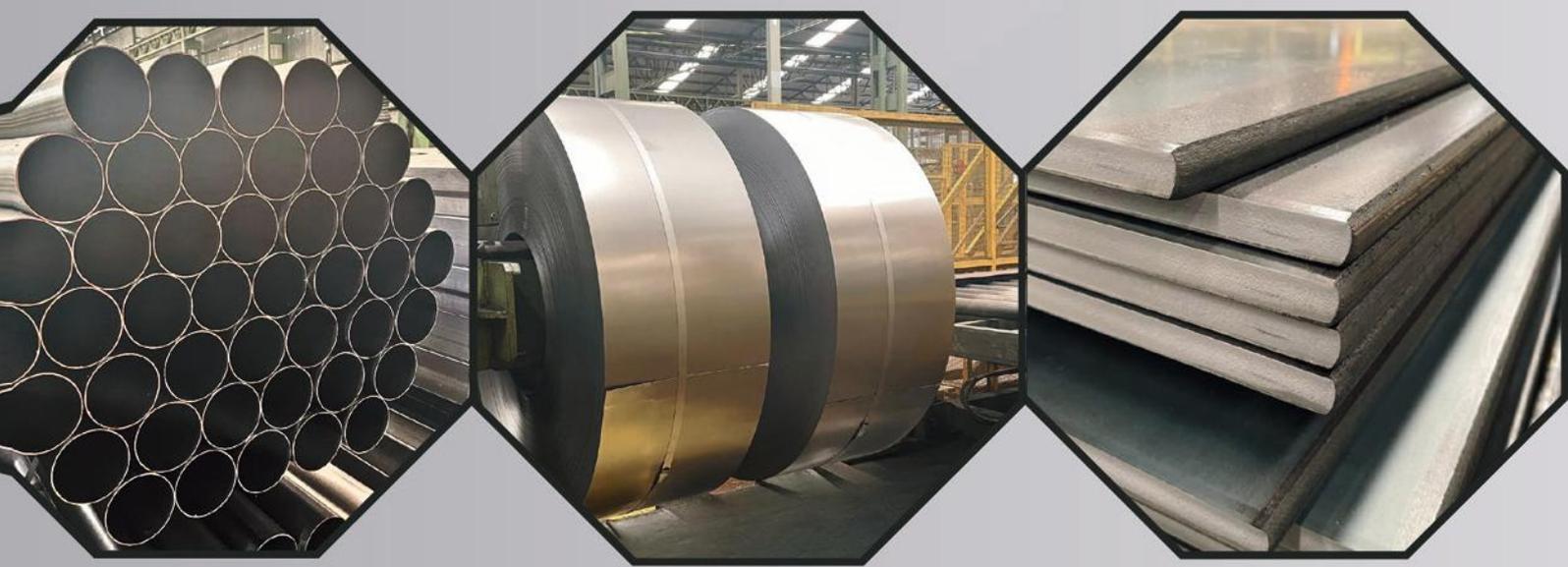
PANORAMA DO AÇO

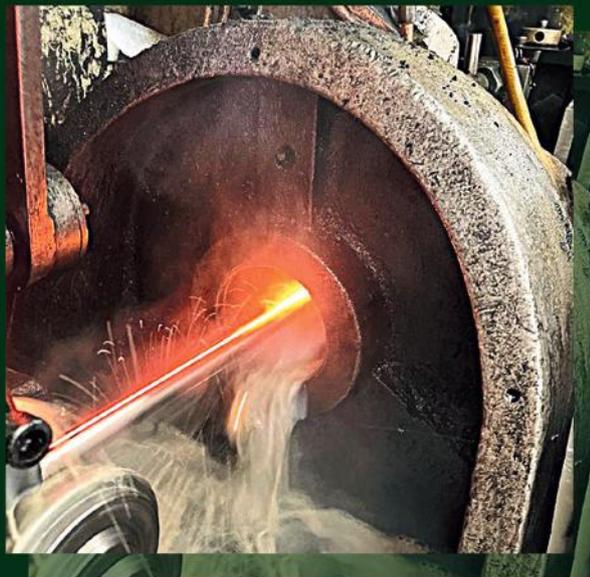
Publicação da Associação do Aço do Rio Grande do Sul

Ano XIV | Número 15
Março 2025



Crescimento e incertezas





**CONHEÇA
NOSSOS
PRODUTOS:**



CAXIAS DO SUL/ RS:

Av. Triches, 447 | D. Industrial |

Fone: (54) 2108.7700

TRICHES
FERRO E AÇO LTDA.



[/trichesferroeacoltda/](https://www.instagram.com/trichesferroeacoltda/)

DIRETORIA EXECUTIVA AARS

TRIÊNIO 2025 - 2027

PRESIDENTE

EDUARDO FARES ZANOTTI

PRESIDENTE EMÉRITO

JOSÉ ANTONIO FERNANDES MARTINS

VICE-PRESIDENTES

ADELAR SANTAREM

VP Aços Especiais e Não Planos
Diferro Aços Especiais Ltda.

ADILSON SOARES

VP Autopeças
Viemar Indústria e Comércio Ltda.

ANTÔNIO CARLO CALI

VP Tubos
voestalpine Meincol

ANTONIO ROSO

VP Construção Metálica
Metasa S/A. Indústria Metalúrgica

ILDO PALUDO

VP Aço Inox
Tramontina S.A. Cutelaria

JEFFERSON MARKO

VP Distribuição
Comercial Gerdau

LUIS FERNANDO B. MARTINEZ

VP Siderurgia
CSN - Cia. Siderúrgica Nacional

MARCELO KUVER

VP Transportes
Randon S.A. Impl. e Sist. Automotivos

MARCO AURÉLIO COLARES

VP Embalagens
Brasilata S.A. Embalagens Metálicas

PAULO SÉRGIO ZAMPROGNA

VP Serviços
P.S. Zamprogna Prod. Met. Ltda.

ROBINSON BREUNIG

VP Máq. e Implementos Agrícolas
Kepler Weber Industrial S.A.

SÉRGIO ALBERTO NEUMANN

VP Metalmecânica
Metalúrgica Fallgatter Ltda.

DIRETORES

ANGELIN ADAMS

Diretor Metalmecânica
Bruning Tecnometal Ltda.

BARLAN ANTONIO DOS SANTOS JR.

Diretor Secretário
Panatlântica S.A.

EDUARDO CERVELIN

Diretor Serviços
PCP Produtos Siderúrgicos Ltda.

GUSTAVO LEVY CANAAN

Diretor Aços Especiais e Não Planos
Arcelormittal Aços Longos

HENRIQUE NAVES

Diretor Distribuição
Arcelormittal Gonvarri
Produtos Siderúrgicos

LETÍCIA MEDEIROS SIMÕES

Diretora Secretária
Soluções Usiminas

LUIZ CARLOS DALLEMOLE

Diretor Construção Metálica
Dalle mole Estruturas
Metálicas Ltda.

PAULO ROBERTO PERUZZO

Diretor Financeiro
Triches Ferro e Aço Ltda.

RODRIGO DAMASCENO

Diretor Aço Inox
Aperam

RODRIGO RIBEIRO RENNÓ

Diretor Siderurgia
Vallourec Tubos
do Brasil S.A.

ROGÉRIO BEZOS

Diretor Financeiro
Aços Favorit
Distribuidora Ltda.

RUBEN ANTONIO BISI

Diretor Transportes
Marcopolo S.A.

SERGIO STOCK

Comunicação
Sergio Stock
Comunicação Integrada

VALDECIR BERSAGHI

Diretor Tubos
Panatlântica Tubos

ÁLVARO SCHEIN

Vogal
Servicorte Ind. e Com. de Metais
Ltda.

TÚLIO FRANCISCO JACONI

Vogal
Sidersul Produtos Siderúrgicos
Ltda.

PANORAMA DO AÇO

é uma publicação da Associação
do Aço do Rio Grande do Sul

Presidente

Eduardo Zanotti

Diretora Executiva

Helena Elisabete Lopes

aars@aars.com.br

51 3228 3216

Sergio Stock

Comunicação Integrada

Jornalista Responsável: Sergio Stock - Reg. Prof. 8.961
sergio@sergiostock.com.br

Textos: Andreia Fantinel e Sergio Stock

Projeto gráfico: PC Brusque

Fotos: Larry Silva, arquivo AARS, arquivos pessoais,
divulgação das empresas



08

Entrevista

Ex-governador Germano Rigotto avalia a Reforma Tributária

10

Panorama Mundial

China reduz produção sem abalo na liderança

24

Panorama Nacional

Crescimento em 2024 e incertezas para 2025



33

Panorama Regional

Crescimento com base na tecnologia e na qualidade

39

Perfil

A permanente busca da excelência na obra literária de Jorge Gerda

43

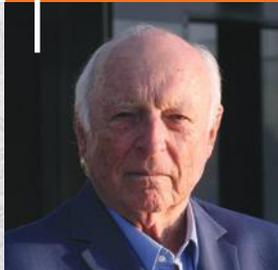
Artigo

Os impactos da Reforma Tributária no setor industrial

46

Aço em Foco

A força de empresas focadas em inovação, investimentos e valores sólidos



54

Destaque do Aço 2024

Sérgio Neumann é agraciado em evento de emoção e reconhecimento

Desde outubro de 2024 tenho a honra de liderar a Associação do Aço do Rio Grande do Sul, entidade que atua há mais de 61 anos na defesa dos interesses do setor metalmeccânico, representando usinas, distribuidores, empresas de serviços e toda a cadeia da indústria de manufatura.

Trata-se de um setor que representa 20% do PIB industrial gaúcho, o que, por si só, demonstra o tamanho e a relevância que tem.

No entanto, os desafios de uma economia globalizada e de alta complexidade, estão postos a todos os negócios, de todos os portes. Além do enfrentamento à forte concorrência internacional, competindo com o aço chinês principalmente, enfrentamos as oscilações econômicas e políticas que interferem em todas as atividades.

O desempenho mundial da produção de aço no ano passado (ver matéria Panorama Mundial), se comparado ao desempenho brasileiro, revela o quanto precisamos avançar para voltarmos a ocupar um espaço significativo entre os maiores produtores.

Há alguns anos o Brasil vem perdendo posições na produção e crescendo no ranking dos importadores. Uma inversão para um país que tem qualidade e produtividade de sobra!

**UM DOS GARGALOS
DA NOSSA INDÚSTRIA
SEMPRE FOI A COMPLEXA,
ATÉ INCOMPREENSÍVEL,
LEGISLAÇÃO TRIBUTÁRIA.
OBVIAMENTE NÃO É O
ÚNICO, MAS SEMPRE
CONTRIBUI PARA ELEVAR
OS CUSTOS E DIFICULTAR
A COMPETITIVIDADE.**

Um dos gargalos da nossa indústria sempre foi a complexa, até incompreensível, legislação tributária. Obviamente não é o único, mas sempre contribui para elevar os custos e dificultar a competitividade.

Agora, temos uma Reforma Tributária aprovada e que começa a ser co-

locada em prática no ano que vem, com efetiva implementação em 2033. Parece distante, mas o tempo passa depressa. Portanto, o desafio que se apresenta neste 2025 para as empresas é começar o processo de adaptação.

O bom dessa reforma é que ela traz simplificação, algo reivindicado há muito tempo por empreendedores de toda natureza. A indústria entre eles. A simplificação trará ganho de produtividade, reduzindo o tamanho das estruturas destinadas exclusivamente para calcular e recolher tributos. Se não reduz a carga tributária, pelo menos ameniza o gasto das companhias com atividade meio e, espera-se, trará mais agilidade e competitividade.

Nesta edição da Panorama do Aço tratamos desse tema com profundidade. O ex-governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, um profundo conhecedor do sistema tributário brasileiro, concede entrevista contextualizando de forma clara e objetiva o novo cenário de que se avizinha. O ponto da competitividade industrial é abordado como algo positivo que o novo modelo trará, o que é muito bom.

Assim, entendo que podemos projetar um ambiente mais favorável para a produção industrial brasileira. Certamente ainda temos um longo caminho pela frente, mas simplificar o recolhimento de impostos e contribuições já é algo que merece ser comemorado.

Como diz nosso entrevistado, “não é a reforma dos sonhos”, contudo, tomo a liberdade de me permitir sonhar com dias mais produtivos e competitivos para todas indústrias gaúchas e brasileiras.

Boa leitura!



EDUARDO
FARES ZANOTTI

Presidente da Associação do Aço
do Rio Grande do Sul | AARS

**“Não é a
reforma dos
meus sonhos”**

O ex-governador do Rio Grande do Sul, Germano Rigotto, é reconhecido em todo o País como um dos mais profundos conhecedores do sistema tributário brasileiro. Quando deputado federal (eleito em 1990 e reeleito em 1994 e 1998) e Líder do Governo Fernando Henrique Cardoso no Congresso Nacional (1998 a 2002), Rigotto transformou-se numa referência sobre temas tributários, tendo sido coordenador do Núcleo Parlamentar de Estudos Tributários e Contábeis, grupo que trabalhou para a criação do SIMPLES, e presidente das Comissões de Finanças e de Tributação da Câmara Federal. Ou seja, durante o exercício parlamentar, sempre esteve ligado aos temas que envolvem a legislação tributária.

Nesta entrevista à Panorama do Aço, Rigotto diz que não é a reforma sonhada por ele, mas aplaude o avanço que a simplificação trará para todo o sistema.

PANORAMA DO AÇO - Que avaliação o senhor faz da Reforma Tributária, considerando que até parlamentares envolvidos diretamente com o tema afirmaram que ainda não atende a todas as demandas do Brasil, mas foi o possível a ser feito?

Germano Rigotto - Não é a reforma dos meus sonhos. Eu fui presidente da Comissão da Reforma Tributária no segundo mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso e andei pelo Brasil inteiro pregando, mostrando o caminho de uma reforma, ouvindo opiniões de todos os setores. Sabendo que havia, e isso eu já sentia na época, uma resistência da área econômica do governo, mesmo que o compromisso do presidente fosse o de fazer a reforma. Mas havia medo de perder receita, de perder poder, de mudar o sistema tributário quando o governo entendesse que teria de melhorar sua arrecadação, criando novo tributo ou aumentando alíquota. Então, o governo na época, por mais que tivesse compromisso com a reforma, enfrentou resistência da área econômica. Nós conseguimos aprovar praticamente por unanimidade na Comissão Especial, que eu presidia. Apenas o Marcos Cintra Cavalcanti se absteve de votar. Quando chegou a hora de ir a plená-

rio, o governo puxou o freio, impediu o avanço. Teríamos aprovado a reforma e, com a transição, hoje já estaríamos em um sistema tributário totalmente diferente do que temos. Mas aquele projeto que aprovamos na Comissão, serviu de embrião para todo o debate que veio depois. Tínhamos o fim de vários tributos, surgindo um grande IVA nacional. Acabava o PIS, a COFINS, os 27 ICMS, o IPI, o ISSQN, e criava o IVA nacional.

PANORAMA DO AÇO - Então poderia ser uma reforma melhor do que a que foi aprovada?

Germano Rigotto - Eu acho que poderia ser bem melhor do que foi. Ela traz simplificação, racionalidade, mais justiça fiscal, dá ganhos de competitividade pra nossa economia, mas eu ainda acho que poderia ser melhor. De qualquer maneira, é um sistema tributário muito melhor do que o atual. Além de tudo, a Lei Complementar 68, que regulamenta a PEC aprovada, já foi votada no Congresso Nacional. A maior parte da regulamentação já passou. Aquilo que é fundamental, essencial, que define alíquotas, transição e como vai impactar em cada setor o novo sistema tributário, já foi votado e aprovado.

PANORAMA DO AÇO - A carga tributária atual fica em torno de 35%. A alíquota a ser implementada poderá chegar a 28% e ainda tem a trava em 26,5%. A nova alíquota vai garantir arrecadação suficiente? E é suportável pra economia?

Germano Rigotto - Todos os cálculos que estão sendo feitos mostram que quando se tem um aumento da base tributária pela simplificação, há possibilidade até de corrigir as cargas setoriais, sem perder arrecadação. Quer dizer, hoje, muito se sonega, muito tem de informalidade, de sobrecarga no Judiciário de quem procura a Justiça para não pagar tributo, em cima da irracionalidade da legislação. Procuram lá um artiguinho, uma vírgula, uma palavra mal colocada para buscar o Judiciário. Fica anos esse processo rolando, sem que se pague tributo. No momento em que tu tens menos busca do Judiciário, porque há uma simplificação, há menos cipoal de legislação. Só a regulamentação do ICMS do RS tem 1.400 artigos. Em Santa Catarina fica em torno de 1.700 artigos. Cada estado tem a sua realidade, o seu ICMS, a sua regulamentação. Isso faz com se tenha uma porta aberta para a elisão fiscal, que é a busca do Judiciário. Quando se tem menos sonegação, menos informalidade e menos elisão fiscal, a base, efetivamente, vai ser maior. Sem reduzir a arrecadação tu podes reduzir cargas setoriais. O segredo da Reforma Tributária é ter esse processo de simplificação que permite reduzir cargas sem perder arrecadação.

PANORAMA DO AÇO - Essa reforma é um passo importante no caminho da competitividade?

Germano Rigotto - Olha, por que todas as entidades ligadas à indústria apoiaram a Refor-

ma Tributária? Por que todas fizeram manifestos, começando pela Confederação Nacional da Indústria, a favor da aprovação da reforma? Porque embutido na reforma está exatamente o fim da cumulatividade que temos hoje dos tributos, que tiram competitividade das nossas indústrias para exportar e para competir com produtos importados. Essa cumulatividade que existe no sistema atual, termina no novo sistema. O fato de se ter um tributo recaindo em cadeia em cima do contribuinte, da empresa que vai pagar o tributo, essa carga pesada determinada pela cumulatividade, não vai ter mais. Por exemplo, durante o processo da cadeia produtiva, tu vais receber de volta aquilo que tu pagaste para tirar a cumulatividade. Então, haverá ganho de competitividade. Hoje, também como exemplo, os estados e a União têm créditos acumulados que não devolvem para as empresas. Ou demoram muito pra devolver. De repente, lá em algum lugar, tem gente que libera os créditos, porque liberou pra um não liberou pra outro, liberou sem critério, quer dizer, tem coisas que realmente são preocupantes. O acúmulo de créditos que a cumulatividade determina. Agora não! Agora a devolução vai ser imediata. Não tem mais acúmulo de crédito, que vai para os balanços das empresas, com problemas sérios, por exemplo, para explicar a uma multinacional que tem uma filial aqui, porque no seu balanço tem esses créditos que não são devolvidos. Então, o ganho de competitividade com o novo sistema tributário é muito grande, o que vai significar mais desenvolvimento, mais geração de emprego.

PANORAMA DO AÇO - A cadeia do aço é uma cadeia produtiva longa. O senhor considera o fim da cumulatividade como o principal benefício para o setor?

Germano Rigotto - Ah, não tenho dúvida. Uma empresa que trabalha em vários estados, tem que enfrentar a realidade diferente da legislação de um estado com relação a outro. A escrituração fiscal das empresas hoje é algo muito complicado pela irracionalidade do sistema tributário. Quando tem essa simplificação, acabando com os tributos que recaem sobre o consumo e criando um grande tributo federal e um grande tributo estadual, CBS e IBS, temos um processo de simplificação que vai determinar menos custo para as empresas. O fim da cumulatividade é a grande vantagem para setores como o do aço, que tem uma cadeia longa.

“Ela traz simplificação, racionalidade, mais justiça fiscal, dá ganhos de competitividade pra nossa economia. É um sistema tributário muito melhor do que o atual.”

PANORAMA DO AÇO - O setor do aço também tem prestadores de serviços. O serviço saiu “prejudicado” na reforma? Vai ter que pagar mais em relação ao que paga hoje ou lá na frente poderá ter um equilíbrio?

Germano Rigotto - Primeiro, quando a gente fala em setor de serviço, tem que entender, por exemplo, que saúde e educação são

serviços. Esses setores tiveram uma redução pesada da alíquota básica. Temos vários setores de serviços que têm redução de alíquota. Então, não podemos considerar o setor dos serviços como um todo. Ele está sendo tratado no novo sistema tributário de uma forma diferente. Tem serviços que estavam menos tributados do que deveriam. Um exemplo são as transações virtuais, o e-commerce. Havia um processo de muita fuga de arrecadação, que agora se busca uma correção. De qualquer forma setores de serviços não são tratados de forma igual. Muitos têm redução da alíquota básica. Eventualmente pode ter um outro serviço que possa ter algum aumento de carga tributária, até para corrigir alguma distorção existente hoje. Mas tendo uma transição longa como vamos ter, haverá condições de se fazer correções em algum processo que signifique aumento de carga tributária, que possa criar um problema para determinado setor. A transição dá uma segurança para a sociedade de que o novo sistema vai entrar em vigor quando efetivamente tudo estiver bem resolvido. Não é o objetivo da reforma aumentar carga tributária, inviabilizando um ou outro setor.

PANORAMA DO AÇO - Atualmente a maior fatia do bolo da arrecadação - cerca de 64% - fica com a União. Com o novo sistema, estados e municípios correm risco de queda de arrecadação?

Germano Rigotto - Disseram muitas inverdades. Disseram que é a reforma do governo Lula. Não é verdade, ela surgiu no governo Bolsonaro, dentro do Congresso Nacional. O atual governo apenas não mandou um novo projeto para o Congresso. Apoiou o projeto que estava lá. Dentro dessa polarização política que vi-

vemos, disseram em redes sociais que a reforma era para dar recursos ao governo atual. Não, simplesmente essa reforma vai entrar em vigor a pleno em 2033. Não tem nada a ver com o atual governo. Estados e municípios não vão perder receita. O IBS tem um comitê gestor que não tem ninguém da União que vai definir, por exemplo, como a mudança entre origem e destino irá acontecer, ou se o fim dos incentivos fiscais vai acontecer. Esse comitê gestor do IBS é formado por representantes dos estados e dos municípios. Não tem ninguém do governo federal. O dinheiro não passa pelo governo federal. Aquilo que é o resultado hoje da arrecadação do ICMS, com a arrecadação do ISS, que dá esse novo imposto, não passa pelos cofres da União.

receita de estados. Por exemplo: o governador que dá um incentivo fiscal a um setor que não é estratégico para o estado, mexe na receita dos futuros governos, sem dar a possibilidade deles dizerem se aceitariam ou não aquilo. Temos zonas de sombra, comprometimento de receitas futuras e não estamos tendo aquilo que a guerra fiscal fez, levar desenvolvimento para regiões menos desenvolvidas. Hoje as empresas se instalam em determinado estado levando em conta, principalmente, a logística. A guerra fiscal tem que ter um freio. Hoje ela leva a uma situação de conflito entre os entes federativos. A mudança da origem para o destino é exatamente para frear essa guerra fiscal.

O fim da cumulatividade é a grande vantagem para setores como o do aço, que tem uma cadeia longa.”

PANORAMA DO AÇO - A tendência é acabar a guerra fiscal entre os estados?

Germano Rigotto - Sim. A mudança da origem para o destino, em vez de cobrar no estado que produz, vai cobrar no estado que consome. O objetivo maior para acontecer isso é exatamente acabar com a guerra fiscal, que hoje não faz aquilo que fazia, que era levar desenvolvimento para regiões menos desenvolvidas. Hoje temos uma guerra fiscal que simplesmente leva a comprometimento de

PANORAMA DO AÇO - Como isso pode impactar no RS?

Germano Rigotto - Como em qualquer outro estado. O RS pode dar incentivo fiscal através de um fundo de desenvolvimento que o estado vai criar, devidamente aprovado na Assembleia Legislativa, para uma empresa que queira se instalar aqui. Mas não da forma como se dá hoje, com falta de transparência, sem uma análise mais aprofundada do que é estratégico, do que gera emprego ou não. Os incentivos que já foram dados serão mantidos. Não tem como romper contratos. O governo cria um fundo exatamente para, com o tempo, ir abatendo e ajudando os estados a resolverem esses contratos. Mas, com o novo sistema tributário, fica dificultada a concessão de incentivos fiscais como temos hoje.

PANORAMA DO AÇO - Tem algum ponto que o senhor tiraria da Reforma? E o que faltou que precisaria ser incluído?

Germano Rigotto
governou o Rio Grande
do Sul de 2003 a 2006



Germano Rigotto - Eu tiraria muitas exceções que foram dadas. Foram dadas exceções que trabalharam muito dentro do Congresso Nacional, para exatamente conseguir redução da alíquota básica. O Congresso e o governo vão ter que rediscutir durante esse período de transição, até para garantir aquilo que é o gatilho, os 26,5% de alíquota desses setores. Muita gente pegou carona. Teve um aumento de incentivo pra Zona Franca de Manaus, por exemplo, que não deveria ter havido. Já existe incentivo demais. Tem uma realidade de competitividade na Zona Franca de Manaus totalmente diferente dos outros estados. Agora avançaram um pouco mais nos incentivos, o que não deveria ter acontecido. No máximo ficasse como está.

Então, essa questão de alguns setores que pegaram carona e conseguiram exceções, redução da alíquota básica, eu acredito que isso ainda vai ter que ser revisto para muitos setores. E o que eu continuaria trabalhando, para quem sabe um dia a gente consiga, em vez de ter dois IVA's, ter um só. O melhor de tudo seria um grande IVA federal. Mas como temos uma federação com 26 estados, mais o Distrito Federal, com mais de cinco mil municípios, é muito difícil ter um único IVA. Em termos de racionalização e simplificação seria o melhor dos mundos. De qualquer forma, repito: o sistema tributário que foi aprovado e que vai ainda ser aperfeiçoado, ele é muito, muito melhor do que o atual sistema tributário. 

Transforme
seu evento em
uma **experiência**
inesquecível!



Seja um evento íntimo
ou uma grande celebração,
esse momento merece uma
gastronomia que impressione.

Conte com a **experiência** e o
atendimento da Aita Recepções.

Eventos Sociais | Corporativos | Intimistas



 | **Aita**
Recepções

(51) 99986.2475 

joaquimaita@aitarecepcoes.com.br 

@aita_recepcoes 



China: o *impacto* *da crise* na cadeia mundial do aço

A produção global de aço bruto teve ligeira queda em 2024, mantendo a tendência de relativa estabilidade verificada nos últimos anos.

Segundo a Associação Mundial do Aço (WSA, sigla em inglês), o total produzido nos 12 meses do ano passado foi de 1.882.600.000 toneladas. O número é 0,8% menor do que em 2023, quando foram produzidas cerca de 15 milhões de toneladas a mais. O pico histórico foi alcançado em 2021, quando foram produzidas 1,9 bilhão de toneladas.

Trata-se, portanto, de uma pequena retração, puxada, especialmente, pela China, responsável por mais de 1 bilhão de toneladas do total produzido em todo o planeta em 2024, que registrou recuo de 1,7% em relação a 2023, num total de 17 milhões de toneladas a menos. O país asiático se tornou o maior

produtor de aço bruto do mundo em 2006 e, desde então, se mantém no topo.

Os dados relativos a 2024 estão presentes no levantamento anual realizado pela WSA, que contabiliza e tabula informações de 71 países ao redor de todo o globo, responsáveis por 98% da produção mundial de aço. O ranking se manteve inalterado também na segunda posição, com a Índia, que registrou 149,6 milhões toneladas, ampliando em 6,3% sua produção.

Os quatro países que aparecem na sequência tiveram redução de produtividade: Japão (-3,4%); Estados Unidos (-2,4%); Rússia, que teve a maior queda entre os dez maiores produtores mundiais (-7%), numa redução de mais de 5 milhões toneladas; e Coreia do Sul (-4,7%).

Produção Mundial de aço bruto

1950 a 2024

Anos	Mundo	Anos	Mundo	Anos	Mundo	Anos	Mundo
1950	189	2001	852	2012	1 563	2023	1 898
1955	270	2002	905	2013	1 653	2024	1 883
1960	347	2003	971	2014	1 675		
1965	456	2004	1 063	2015	1 624		
1970	595	2005	1 148	2016	1 633		
1975	644	2006	1 250	2017	1 737		
1980	717	2007	1 350	2018	1 828		
1985	719	2008	1 345	2019	1 877		
1990	770	2009	1 241	2020	1 882		
1995	753	2010	1 435	2021	1 962		
2000	850	2011	1 540	2022	1 885		

(milhões de toneladas)

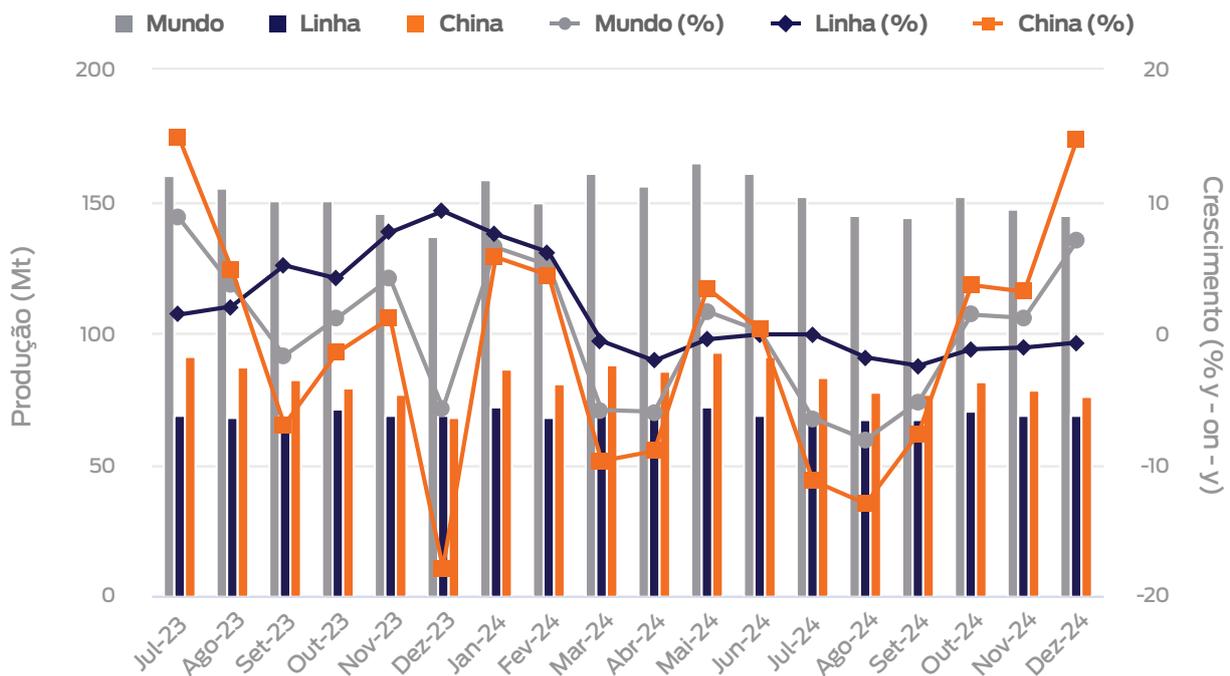
Completam o topo da lista, em sétimo lugar, a Alemanha (variação positiva de 5,2%); em oitavo, a Turquia, que teve o maior incremento percentual de produção da parte de cima da tabela, saltando de 33,7 milhões para 36,9 milhões toneladas (9,4%); o Brasil aparece na nona posição e passou de 32 milhões toneladas para 33,7 milhões toneladas

(5,3%); e o Irã fecha o grupo dos 10 maiores, se mantendo praticamente estável (0,8%) em relação a 2023.

Em termos geográficos, a WSA divide o planeta em oito regiões, sendo que três delas apresentaram redução na produção da commodity. Puxada exatamente pela China, a re-



Produção de Aço Bruto



Fonte: worldsteel.org

gião Ásia e Oceania apresentou queda de 1%; América do Norte, de 4,2%; mesma retração da região composta pela Rússia, outros estados da Comunidade Independente e pela Ucrânia (exatamente a região ainda afetada pela guerra). América do Sul e Oriente Médio se mantiveram estáveis, com pequena variação positiva de 0,6% e 0,5%, respectivamente. Já a região da África, da União Europeia e a que engloba outros Estados europeus (incluindo o Reino Unido, que deixou a Zona do Euro), apresentaram melhores resultados. O destaque ficou exatamente para este último grupo, que engloba também Macedônia, Noruega, Sérvia e Turquia, que tiveram incremento de 3,4% na sua produção.

A Região Ásia e Oceania, apesar do recuo em relação ao ano anterior, foi a que mais produziu aço. Formada por Austrália, China, Índia, Japão, Mongólia, Nova Zelândia, Paquistão, Coreia do Sul, Taiwan, Tailândia e Vietnã, re-

gistrou quase 1,4 bilhão de toneladas. Responsável por mais de 70% da produção mundial, conseguiu reduzir o impacto da variação negativa porque, em contraposição à redução de 17 milhões de toneladas na produção chinesa, a Índia, segunda maior produtora de aço bruto do mundo, registrou aumento de 9 milhões de toneladas. Outros países formadores da região, ampliaram sua produção, como o Vietnã, cujo aumento foi de 3 milhões de toneladas.

A segunda maior região produtora de aço da WSA é a União Europeia, com 129,5 milhões de toneladas. Compreendida por 27 países, entre os quais Alemanha, Itália, Espanha, França e Bélgica, que estão entre os maiores do mundo, por exemplo, produziu 2,6% a mais do que em 2023. Na sequência, aparece a América do Norte, que – apesar da expressiva queda, de 4,2% – produziu quase 106 milhões de toneladas. O destaque nesta região

As maiores regiões produtoras da WSA

Produção de aço bruto por região

	Dec 2024 (Mt)	% change Dec 24/23	Jan-Dec 2024 (Mt)	% change Jan-Dec 24/23
Africa	1.9	-1.0	22.3	1.0
Asia and Oceania	106.3	9.0	1,357.8	-1.0
EU (27)	9.6	7.2	129.5	2.6
Europe, Other	3.3	-14.3	43.2	3.4
Middle East	4.6	-4.5	54.1	0.5
North America	8.8	-4.3	105.9	-4.2
Russia & other CIS + Ukraine	6.8	-6.8	84.8	-4.2
South America	3.1	-3.8	41.9	0.6
Total 71 countries	144.5	5.6	1,839.4	-0.9

Os 71 países incluídos nesta tabela representaram aproximadamente 98% da produção mundial total de aço bruto em 2023.

Produção Global de Aço Bruto - 2024

Ranking	País	2024	2023	% 2024/2023
1	China	1 005.1	1 022.5	-1.7
2	Índia	149.6	140.8	6.3
3	Japão	84.0	87.0	-3.4
4	Estados Unidos	79.5	81.4	-2.4
5	Rússia (e)	70.7	76.0	-7.0
6	Coréia do Sul	63.5	66.7	-4.7
7	Alemanha	37.2	35.4	5.2
8	Turquia	36.9	33.7	9.4
9	Brasil	33.7	32.0	5.3
10	Irã	31.0	30.7	0.8
11	Vietnã (e)	22.1	19.2	14.9
12	Itália	20.0	21.1	-5.0
13	Taiwan (e)	19.1	19.1	-0.3
14	Indonésia (e)	17.0	16.8	0.9
15	México (e)	13.7	16.4	-16.5
16	Canadá (e)	12.2	12.2	0.1
17	Espanha	11.8	11.4	3.3
18	França	10.8	10.0	7.6
19	Egito	10.7	10.4	3.6
20	Arábia Saudita	9.6	9.9	-3.4
21	Malásia (e)	8.8	7.5	16.9
22	Ucrânia	7.6	6.2	21.6
23	Áustria	7.1	7.1	0.0
24	Bélgica (e)	7.1	5.9	21.1
25	Polônia (e)	7.1	6.4	10.1
26	Holanda	6.4	4.7	36.1
27	Thailândia (e)	4.9	5.0	-1.0
28	Austrália	4.8	5.5	-11.9
29	África do Sul	4.7	5.0	-4.8
30	Argélia	4.5	4.4	2.2
31	Bangladesh (e)	4.5	5.0	-10.0
32	Cazaquistão	4.2	3.9	6.5
33	Paquistão (e)	4.1	5.3	-23.2
34	Suécia	4.0	4.3	-5.5
35	Reino Unido	4.0	5.6	-29.0
36	Eslováquia	3.9	4.4	-11.7
37	Argentina	3.9	4.9	-21.6
38	Emirados Árabes Unidos	3.7	3.8	-1.4
39	Finlândia	3.7	3.8	-3.8
40	Omã	3.0	2.9	4.5
	Outros	42.5	43.6	-2.5
	Mundo	1 882.6	1 897.9	- 0.8

e – Valor anual estimado, usando dados parciais ou recursos não mundiais.

* O valor da produção total mundial nesta tabela inclui estimativas de outros países que reportam apenas anualmente.

ainda fica para os Estados Unidos, que teve queda de quase 2 milhões de toneladas produzidas, mas, ainda assim, é o líder da região, com 79,5 milhões de toneladas de aço bruto colocado no mercado.

MAIORES CRESCIMENTOS

Holanda, Ucrânia e Bélgica foram os países que registraram o maior percentual de crescimento na produção de aço bruto no mundo. Na Holanda, onde o incremento foi de 26,1%, e na Bélgica, terceira no ranking, com aumento de 21,1%, a explicação pode estar no ritmo e nas estratégias de recuperação de diversos países do mundo pós-pandemia de Covid-19, que gerou crescimento global da demanda, além de mudanças na cadeia de suprimentos

nesses dois países, que têm estrutura robusta de produção de aço. Já a Ucrânia foi o segundo país com maior percentual de aumento no mundo, com 21,6%, apesar da guerra e dos significativos danos que vem causando no seu território. Além disso, o aumento pode se dever, em parte, também ao apoio recebido de outras nações para dar sustentação à reconstrução de algumas áreas ucranianas. Para o presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS), Eduardo Zanotti, os números globais, e esses em particular, demonstram a capacidade de adaptação do setor. “Sempre que existe uma crise, é preciso reconstruir. É nessa reconstrução que a indústria siderúrgica está presente, produzindo o suporte necessário, dando o apoio e promovendo o desenvolvimento”, reflete.



QUEDAS MAIS EXPRESSIVAS

Na ponta de baixo da tabela, as maiores reduções, em termos proporcionais, na produção de aço bruto se deram no Reino Unido, Paquistão e Argentina. Cada lugar merece análise conjuntural específica e tem hipóteses diferentes para o impacto negativo na cadeia do aço. A começar pelo Reino Unido, que teve a maior retração, de 29%, que pode ser ainda consequência da sua saída da União Europeia, mas pode passar também pela alta nos custos internos e pela redução de demanda no país, cuja tendência de queda vem se confirmando desde 2022. O resultado acumulado disso é o fechamento de indústrias do setor, que encerra o ciclo

com redução também na produção da commodity. Por sua vez o Paquistão, cuja produção foi 23,2% menor do que em 2023, a crise econômica e a instabilidade política, por que o país vem passando nos últimos anos, levaram à desaceleração da indústria local – inclusive a siderúrgica, que é um termômetro das demais –, reduzindo a produção e a demanda pelo aço.

Por fim, o contexto da Argentina é mais conhecido do Brasil. O país vizinho reduziu a produção de aço bruto em 21,6%, provavelmente, ainda como parte da crise generalizada que vinha enfrentando, com inflação alta, escassez de energia e custos elevados. A conjuntura interna e os fatores externos podem ser considerados os motivos em comum que os três países com maior retração na produção de aço bruto em 2024 têm entre si. Porém, juntos, eles são responsáveis por apenas 0,6% da produção mundial, limitando bastante o impacto no cenário global.



Produção teve crescimento na Holanda, Bélgica e Ucrânia, acima de 20%, e retração no Reino Unido, Paquistão e Argentina, também além de 20%

CRISE NA INDÚSTRIA SIDERÚRGICA CHINESA

Se em termos percentuais Reino Unido, Paquistão, Argentina e diversos outros apresentam redução muito mais expressiva que a China, em valores nominais, a queda da produção de aço bruto no país asiático é infinitamente mais impactante. A retração na siderurgia chinesa em números reais representa quase 50% mais do que o total produzido por esses outros três países. Juntos, eles produzem 12 milhões de toneladas de aço bruto ao ano, enquanto apenas a redução registrada pela indústria chinesa foi de 17 milhões.

A explicação para a retração na indústria siderúrgica do gigante da Ásia não é linear e, segundo especialistas, vem se desenhando a partir do contexto econômico e social do país. O principal fornecedor local alertava desde metade do ano passado sobre as condições da indústria do aço, uma vez que a demanda pelo produto começou a cair após mais de duas décadas de crescimento. Esse cenário era impulsionado pela rápida industrialização e urbanização, que, com a crise, passaram a viver queda contínua na atividade, especialmente no mercado imobiliário e da construção civil, que acabam não conseguindo escoar toda a oferta.



Redução da China é maior do que os países que mais diminuíram a produção, somados

Analistas reforçam a preocupação devido à pouca perspectiva de alteração no curto prazo. “A crise do setor imobiliário deve durar vários anos, e isso definitivamente é um preságio negativo para metais industriais que são necessários em infraestrutura”, projetou Sabrina Chowdhury, chefe de análise de commodities da BMI, empresa mundial especializada em risco e mercado.

Numa tentativa de escapar da crise interna, que fez os preços despencarem e a margem de lucro comprimir, os chineses apostaram suas fichas na exportação. No entanto, vários países se sentiram prejudicados pela prática de preços que julgam ser abaixo do custo de produção. Resultado: produtores chineses estão sendo acusados de dumping. Tailândia, Índia – segundo maior produtor de aço bruto do mundo – e Vietnã são alguns deles. A crítica não vem só de nações, mas também de grandes empresas do setor.

Diante desses desafios do cenário externo, dos avanços tecnológicos e do foco crescente em sustentabilidade, “importantes países produtores como o Brasil apostam no crescimento do mercado doméstico, com fortalecimento da cadeia produtiva industrial e da construção para suprir o déficit de infraestrutura para aumentar o consumo per capita de aço”, destaca o presidente da AARS.

O aço é matéria-prima utilizada por toda a indústria de transformação, que movimentou a cadeia produtiva e econômica dos países. A adaptação às novidades faz parte da rotina e garante a sobrevivência no mercado. 

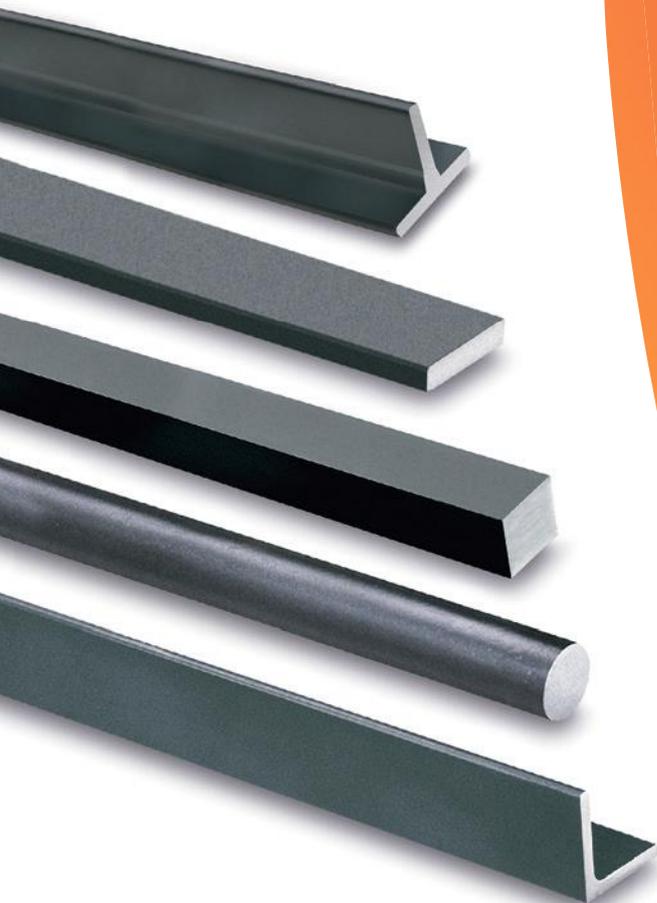


ArcelorMittal

Liderando a siderurgia: excelência em aço com a ArcelorMittal

Quando você escolhe ArcelorMittal, está optando por mais do que aço: está escolhendo **qualidade incomparável**, segurança absoluta e um compromisso inabalável com a sustentabilidade.

Líder mundial em aço, a ArcelorMittal vai além da entrega de produtos: oferecemos soluções inteligentes e personalizadas para a indústria, construção civil e projetos de ponta.



Seja qual for o desafio, **garantimos inovação, eficiência e resultados que transformam.**

Nosso aço não apenas constrói: ele conecta pessoas, ideias e um futuro mais sustentável. Cada peça que criamos carrega o compromisso de cuidar do meio ambiente, de apoiar nossos parceiros e de transformar vidas.

Na ArcelorMittal, acreditamos em fazer mais – pelo planeta, pelas pessoas e pelo sucesso dos seus projetos.

Afinal, aço não é tudo igual. Para excelência e confiança, **escolha ArcelorMittal.**

O aço que constrói o presente e projeta o futuro.



Descubra a unidade do Sul mais perto de você





PANORAMA
NACIONAL

Contradições marcam a siderurgia em 2024

Depois de uma reversão de expectativas em 2023, o ano de 2024 trouxe melhores notícias para o mercado brasileiro do aço. Pelo menos no que diz respeito à produção e às vendas. O setor siderúrgico no País registrou um aumento de 5,3% na produção de aço bruto entre janeiro e dezembro em comparação com o ano anterior. O acumulado ficou em 33,7 milhões de toneladas do produto, muito próximo da expectativa que vinha sendo projetada, 33,8 milhões, que conferiria um incremento de 5,5%.

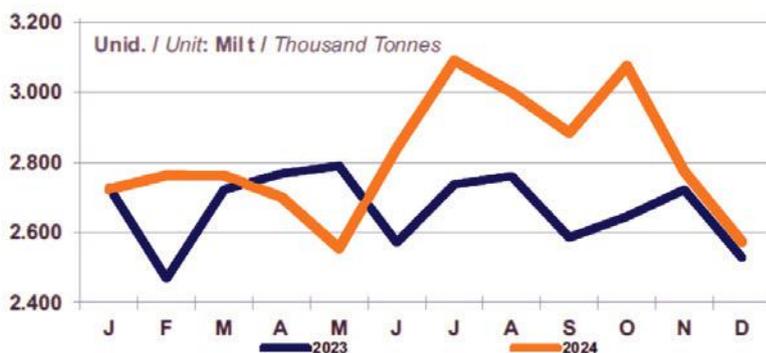
As vendas também tiveram crescimento e registraram aumento de 8,3% na comparação com 2023, totalizando 21,2 milhões de toneladas para o mercado interno. O incremento nas vendas dentro do País foi impulsionado, especialmente, pelo setor automotivo, que teve alta de 12,1%; pela construção civil, com aumento de 4,1%, e pelo segmento de máquinas e implementos, cujo crescimento foi de 1%.

No entanto, o contexto é contraditório e olhar para esses números não significa que o

cenário possa ser considerado positivo, pois o setor segue enfrentando grandes desafios. O aumento significativo da importação e a expressiva queda nas exportações do produto são apenas dois deles, mas com os maiores impactos. A escalada de importações começou a se desenhar ainda no período anterior; mas, em 2024, aumentou 18,2% em comparação a 2023. Trata-se do maior volume registrado desde o início da série histórica apurada pelo Instituto Aço Brasil, em 2013: cerca de 6 milhões de toneladas trazidas de outros países – quase metade, oriunda da China.

O presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS), Eduardo Zanotti, se mostra preocupado, não só com o resultado de 2024, mas com o cenário deste ano. “Temos um contexto de acirramento da disputa comercial entre chineses e norte-americanos, com taxaço de parte a parte. O fechamento da entrada do aço proveniente da China nos Estados Unidos vai fazer com que os chineses intensifiquem ainda mais a exportação para a América Latina”, analisa.

Produção de Aço Bruto



Mês / Month	2023	2024
J	2.729	2.723
F	2.469	2.763
M	2.722	2.763
A	2.768	2.701
M	2.790	2.555
J	2.571	2.840
J	2.737	3.090
A	2.761	3.001
S	2.586	2.884
O	2.645	3.075
N	2.722	2.774
D	2.529	2.573

Nota / Note : Compreende todo o parque produtor de aço brasileiro / Comprises the entire Brazilian steel production park

Fonte / Source : Aço Brasil

O presidente do Instituto Aço Brasil, Marco Polo de Mello Lopes, tem a mesma opinião. Ele interpreta 2024 como um ano em que o Brasil cresceu, o setor também, mas, na mesma proporção, aumentaram as preocupações. “Entre os motivos, estão a invasão das importações com práticas predatórias, situação fiscal e trajetória da dívida pública, desvalorização do câmbio, aceleração da inflação e elevação da taxa básica de juros”, explicou.

O recado tem endereço certo e a referência atravessa o planeta até chegar ao principal país de origem da importação brasileira: a China. Apesar do recuo de 1,7% (o equivalente a 17 milhões de toneladas), o gigante asiático ainda é responsável, sozinho, por mais da metade da produção global de aço bruto.

De lá chegaram ao Brasil 3,3 milhões de toneladas, mesmo com todos os esforços do setor para tentar conter a entrada do produto chinês no território nacional. A indústria siderúrgica chinesa é acusada de subsidiar os preços, o que permite comercialização predatória em relação aos demais produtores do segmento.

PROTEÇÃO INSUFICIENTE

O governo brasileiro chegou a adotar medida de proteção, que estabeleceu cotas de importação com taxa de 25% sobre o excedente ao limite estipulado. No entanto, a iniciativa é suficiente apenas para frear o ingresso do produto, não para reduzir o ritmo de importação.

Importações Brasileiras de Produtos Siderúrgicos por Região de Origem - Tonelada

Unid. / Unit: Tonelada / Tonne

Região Region	Dezembro December		24/23 (%)	Jan-Dez Jan-Dec		24/23 (%)
	2023	2024		2023	2024	
Europa / Europe	122.688	38.895	-68,3	955.028	1.296.368	35,7
União Europeia / European Union	54.668	31.597	-42,2	582.059	514.310	-11,6
Outros Europa / Others Europe	68.020	7.298	-89,3	372.969	782.058	109,7
Rússia / Russia	62.536	3.173	-94,9	329.606	718.655	118,0
Turquia / Turkey	5.369	3.229	-39,9	36.504	60.337	65,3
América do Norte (Exclui México) / North America (Excludes Mexico)	2.058	1.417	-31,1	44.421	40.264	-9,4
Estados Unidos / United States	1.858	1.408	-24,2	42.975	39.418	-8,3
Ásia / Asia	364.764	259.873	-28,8	3.771.895	4.195.138	11,2
China	288.377	227.676	-21,0	2.898.120	3.322.222	14,6
Japão / Japan	42.361	4.745	-88,8	198.846	283.031	42,3
Coreia do Sul / South Korea	17.479	10.697	-38,8	319.719	216.388	-32,3
América Latina / Latin America	17.789	8.162	-54,1	201.596	171.829	-14,8
Mercosul	13.127	7.620	-42,0	86.553	121.590	40,5
África / Africa	3.033	15.929	425,2	46.485	234.301	404,0
Oriente Médio / Middle East	330	24	-92,7	4.452	2.100	-52,8
Oceania	23	49	113,0	68	170	150,0
Total	510.685	324.349	-36,5	5.023.945	5.940.170	18,2

Fonte / Source: MDIC-SECEX



Excedente produzido na China pode aumentar ainda mais os volumes exportados para a América Latina

A China manterá a política de estado de vender o excedente de produção e vai encontrar barreiras mais fortes nos Estados Unidos, levando a aumentar o ritmo de exportação aos mercados da América Latina. Desta forma, a indústria siderúrgica brasileira vai precisar reforçar o pleito junto ao governo por políticas mais robustas de proteção ao aço brasileiro. O mecanismo atual é considerado importante para travar a escalada das importações, mas que precisam ser ampliados. Nove itens (NCMs, ou Nomenclaturas Comuns do Mercosul) fazem parte do mecanismo cota-tarifa criado pelo governo e a indústria siderúrgica defende que a aplicação seja ampliada para mais quatro.

Para Eduardo Zanotti, a atenção do setor precisa ser permanente de forma a ter ações capazes de garantir a recuperação da competitividade do país. “Precisamos estar focados não só na pressão política que amplie a proteção ao aço brasileiro, mas também no contexto externo, que envolve atores com decisões cujos impactos podem ser severos no nosso mercado”, adverte.

2025: O EFEITO DA DISPUTA CHINA X EUA

Se nem no mercado interno as expectativas podem ser positivas, o contexto de sanções comerciais e taxações que se desenham na relação China x Estados Unidos

torna o futuro ainda mais incerto. Do ponto de vista do cenário nacional, segundo o Instituto Aço Brasil, a produção deve ficar praticamente estável, com possível queda de 0,6%. A tendência deve seguir nesta linha também nas vendas internas, com retração de 0,8% no mercado. De “dentro para fora”, as exportações podem ter incremento de 2,2%, mas, em contrapartida, as importações devem seguir em alta, com aumento projetado em 11,5% ao longo deste ano.

Essa projeção ainda pode ser afetada pelas consequências da disputa travada entre Estados Unidos e China pela liderança do comércio – e da economia como um todo – mundial nas mais diversas áreas. Mantida a tendência dos primeiros dias do governo de Donald Trump, com suas medidas protecionistas em relação a países que possam significar alguma ameaça à liderança dos Estados Unidos, os caminhos a serem adotados pela China para escoar seu excedente de produção vão impactar todo o planeta. Especialmente no Brasil, que é um dos maiores mercados do mundo.

EFEITO CASCATA

Na esteira do modelo adotado por Trump, mais perto do Brasil, o presidente da Argentina Javier Milei já avisou que seguirá a mesma cartilha. E não é só ele. Por opção ou por pressão, outros países indicam que adotarão estratégias inspiradas – ou copiadas – dos Estados Unidos, acirrando ainda mais o que pode se tornar uma versão atualizada da Guerra Fria, com alteração de um dos atores envolvidos. Isso é motivo de preocupação para a indústria siderúrgica nacional.

O presidente do Panamá, por exemplo, José Raul Mulino, anunciou a saída oficial do país da Iniciativa Cinturão e Rota, também conhecida como a “Nova Rota da Seda”. O motivo? O país cedeu à pressão norte-americana para reduzir a interferência chinesa sobre o Canal do Panamá, que liga os oceanos Atlântico e Pacífico. Aquele mesmo que Donald Trump quer retomar, sob o argumento de que está “sob domínio chinês”.

Esses dois recortes têm efeitos diferentes no setor do aço brasileiro. A questão envolvendo o país vizinho torna o Brasil ainda mais atraente para os chineses, que vão ter mais dificuldade de ingressar na Argentina. Já na situação envolvendo o Panamá, existem algumas consequências possíveis: de um lado, a dificuldade de acesso ao conti-



nente via Canal do Panamá pode tornar mais caro – e, portanto, menos atrativo – o produto chinês para o mercado interno brasileiro e, inclusive, aumentar o interesse pela compra do aço produzido aqui pelos países mais próximos. Sob outra ótica, a China sempre pode surpreender e buscar soluções logísticas para competir de forma ainda mais desigual com o aço do Brasil.

Em qualquer dos cenários, o presidente da Associação do Aço do Rio Grande do Sul reforça a necessidade de se melhorar as medidas de proteção que começaram a ser criadas pelo governo brasileiro no ano passado. “Se no contexto de 2024 a iniciativa conseguiu apenas estancar a escalada das importações e um eventual enfraquecimento da indústria brasileira, o que estamos

vendo para 2025 só faz aumentar a necessidade de pressionar para que medidas mais robustas sejam tomadas”, analisa Eduardo Zanoti.

Ele reforça que as soluções conjuntas e coordenadas, desenvolvidas pelo governo, mas ouvindo as indústrias, são a alternativa mais viável de contornar o problema. O setor precisa de soluções capazes de incentivar o crescimento sustentável, mas que não deixem os interesses nacionais vulneráveis neste ambiente global cada vez mais competitivo e, de certa forma instável.

FALTA DE CONFIANÇA

Tudo isso leva a uma tendência de queda na confiança da indústria, refletida no Indicador de Confiança da Indústria do Aço (ICIA). O índice medido em janeiro levava em consideração, especialmente a situação econômica brasileira. O ICIA teve redução de 7 pontos na comparação com o último mês de 2024, o que apontou um indicador de confiança de 42,4 pontos, a terceira queda seguida.

Para o presidente da AARS, por maiores que sejam os desafios, é importante visualizar os dados e ter consciência crítica do que acontece. Mas é preciso acompanhar permanentemente a situação e ficar atento aos movimentos do setor, que é forte e resiliente. “Diante de tudo o que estamos observando, grandes empresas mundiais do setor estão apostando no Brasil”, pondera Zanotti.

O segundo maior grupo siderúrgico do mundo está otimista com relação à demanda global por aço e confia que o mercado brasi-



Guerra comercial China x EUA aumenta o clima de instabilidade para 2025

leiro é um dos mais promissores. “A perspectiva de longo prazo para a indústria siderúrgica é positiva e nossa presença global significa que temos uma oportunidade única de priorizar o investimento em mercados onde há uma forte perspectiva de crescimento e retorno”, afirma o presidente-executivo da Companhia, Aditya Mitta.

O AÇO BRASILEIRO EM NÚMEROS

Na estratificação por tipo de aço, a produção de **laminados** em 2024 teve crescimento de 7,6% na comparação com o ano anterior, num total de 23,5 milhões de toneladas; a de **semiacabados** para venda teve queda de 5,5%, reduzindo a produção para 9,1 milhões de toneladas; e a de **ferro-gusa**, incremento de 3%, alcançando 26,5 milhões de toneladas.

Entre os **laminados**, os **longos** tiveram melhor desempenho de produção, com um aumento de 8,1%, chegando a 10 milhões de toneladas, frente aos 9,2 milhões de 2023.

Já os aços **planos**, que também tiveram saldo positivo, chegaram a quase 13,5 milhões de toneladas, o equivalente a 7,6% a mais do que em 2023, quando o total produzido foi 1 milhão de toneladas menor. O movimento de alta na fabricação dos aços laminados recuperou a queda registrada do período anterior e volta ao patamar alcançado em 2022, quando a produção foi de 9,8 milhões de toneladas de aços longos e 13,6 milhões de toneladas de aços planos. O mesmo aconteceu com a produção de **ferro-gusa**, melhor do que no ano passado, mas, nesse caso, um pouco abaixo do registrado em 2022, quando o Brasil produziu 26,8 milhões de toneladas.

Produção Siderúrgica Brasileira

Unid. / Unit: Mil / Thousand Tonnes

Produto Product	Dezembro December		24/23 (%)	Jan-Dez Jan-Dec		24/23 (%)
	2023	2024		2023	2024	
Aço Bruto / Crude Steel	2.529	2.573	1,8	32.030	33.741	5,3
Laminados / Rolled Products	1.653	1.653	0,0	21.851	23.507	7,6
Planos / Flats	1.086	1.008	-7,2	12.596	13.498	7,2
Longos / Longs	567	645	13,7	9.255	10.009	8,1
Semi-acabados p/ Venda / Semifinished Products for Sale	827	787	-4,8	9.638	9.108	-5,5
Placas / Slabs	768	705	-8,1	8.968	8.428	-6,0
Lingotes, Blocos e Tarugos / Ingots, Blooms and Billets	59	82	38,0	671	680	1,4
Ferro-Gusa (Usinas Integradas) / Pig Iron (Integrated Steelworks)	2.195	2.206	0,5	25.719	26.502	3,0

Nota / Note : Compreende todo o parque produtor de aço brasileiro / Comprises the entire Brazilian steel production park

Fonte / Source : Aço Brasil

Já na tipologia dos **semiacabados** para venda, o cenário foi diferente, puxado pelas **placas** de aço, cuja produção teve queda de 6% em relação a 2023, reduzindo o montante de quase 9 milhões de toneladas para pouco mais de 8,4 milhões em 2024. A redução foi levemente atenuada pelos **lingotes, blocos e tarugos**, que, embora tenham menor produção em valor nominal, tiveram aumento percentual de 1,4% no volume, passando de 671 mil toneladas para 680 mil. Ainda assim, os números são melhores do que os registrados em 2022, quando foram produzidas pouco mais de 8 milhões de toneladas de aços semiacabados.

O consumo aparente de produtos siderúrgicos registrou aumento de 8,3%, passando de 23,9 milhões de toneladas para 25,9 milhões de toneladas. Foram 15,6 milhões de toneladas de **aços planos** – equivalente a 9,8% a mais do que em 2023 – e 10,2 milhões de toneladas de **aços longos** – aumento de 6,1% sobre o período anterior.

Depois de reduzir as vendas ao mercado interno em 2023, o ano passado trouxe recuperação deste resultado, com aumento de 8,3% na comercialização para o mercado doméstico. O Brasil comprou 1,6 milhão de toneladas a mais de aço produzido dentro do próprio país em 2024, num total de 21,1 milhões de toneladas. O destaque percentual ficou para os **semiacabados**, com aumento de 21,1% nas vendas, o equivalente a 375 mil toneladas. Os **lingotes, blocos e tarugos** contabilizaram uma quantidade 30,4% maior do que o vendido em 2023 e

as **placas** tiveram aumento de 13%. Em valores nominais, os **laminados** aumentaram 8,1% nas vendas, chegando a um volume de 20,7 milhões de toneladas, das quais 12,2 milhões foram em **aços planos** (aumento de 9,6%) e 8,5 milhões, em **aços longos** (5,9% a mais do que em 2023).

As vendas ao mercado externo também seguiram a tendência contrária aos movimentos registrados em 2023 na relação com 2022. A performance do setor siderúrgico nacional, que no ano anterior tinha registrado acréscimo, em 2024 recuou 6,4%, caindo de quase 11,6 milhões de toneladas para 10,8 milhões exportadas. Os **laminados planos** puxaram o percentual de retração, com vendas 27,5% menores do que em 2023. Já os **longos** registraram queda de 4,2% nas vendas, deixando o grupo dos **laminados** com redução média de 15,5%, que equivale a 1,9 milhão de toneladas, contra 2,3 milhões que haviam sido vendidas para o exterior em 2023. O volume nominal de vendas dos aços **semiacabados** é maior, mas também registrou queda, passando das 9,2 milhões de toneladas no ano anterior para um pouco menos de 8,9 milhões de toneladas em 2024. Foram 8,2 milhões de toneladas de **placas** vendidas para o exterior, contra 8,6 milhões no ano anterior (-4,5%); já **lingotes, blocos e tarugos** se mantiveram praticamente estável, com leve queda de 621 mil toneladas para 620 mil toneladas este ano (-0,2%).



Fazer **bem**,
Fazer **mais**,
Fazer para **sempre**.



A CSN sempre acreditou que o futuro se constrói a cada dia.

A primeira siderúrgica de grande porte do País tornou-se um dos mais competitivos complexos siderúrgicos do mundo. Com qualidade e tradição comprovadas em seus produtos, a CSN tem contribuído de forma contínua para o desenvolvimento do Brasil.

A história continua! Porque a CSN tem muita tradição e qualidade, mas nunca para de inovar.



aponte seu celular e conheça
nossas soluções preparadas
para você e sua empresa

Crescimento com base na tecnologia e na qualidade

O ano de 2024 na economia do Rio Grande do Sul precisa ser analisado com cautela e serenidade. Quem olha apenas para números absolutos pode cometer erros de avaliação, principalmente quando se leva em conta a tragédia climática de maio, que impactou fortemente todos os setores da economia, inclusive o industrial.

Ficar embaixo d'água durante quase quatro semanas representou um abalo significativo em negócios de todos os portes, muitos dos quais seguem enfrentando dificuldades para se reerguer, quase um ano depois da catástrofe. A resiliência foi a marca dos gaúchos nesse período e continuará sendo por muito tempo ainda.

Diante desse cenário, que ninguém imaginava, é natural que todas as projeções de demanda e consumo de quaisquer produtos ficassem sem sentido. Ou, pelo menos, entrassem no modo espera. No ambiente nacional, como vimos na matéria anterior, as projeções praticamente se confirmaram, com

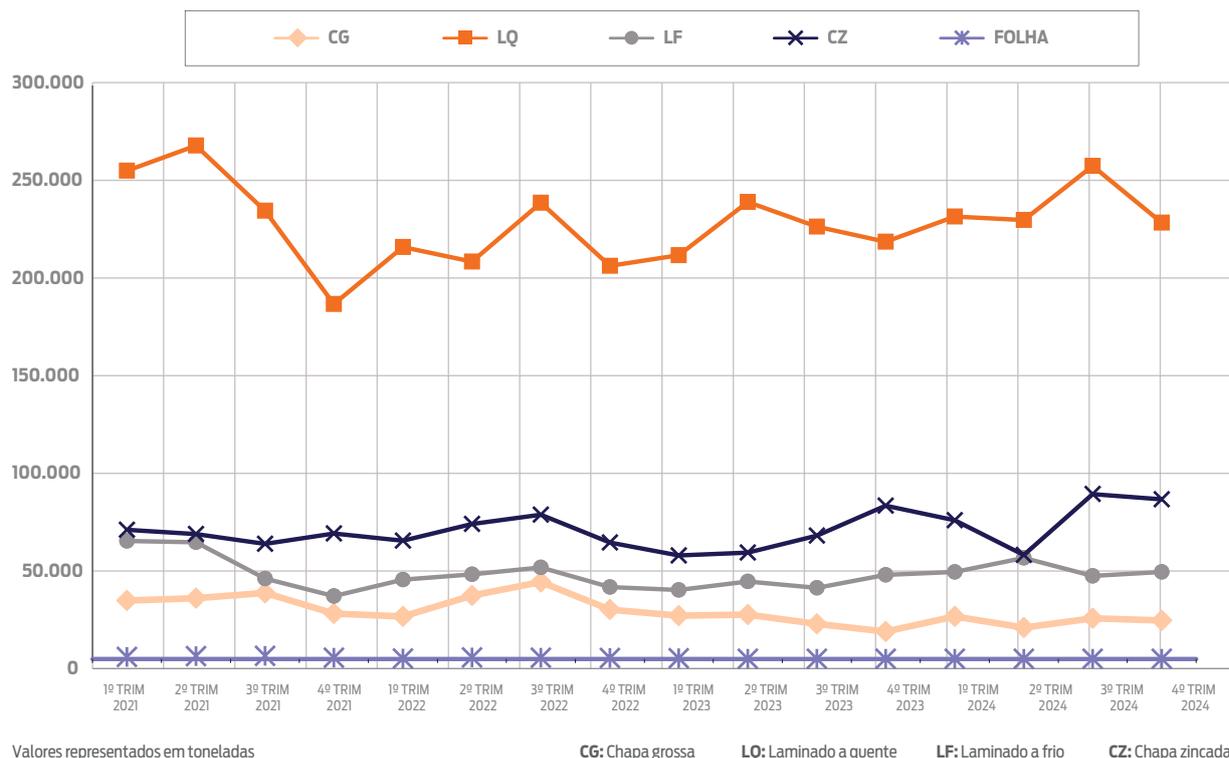
crescimento de 5,3%, enquanto o previsto era 5,5%. Esperava-se algo semelhante para o RS.

A incerteza da enchente confundiu a economia por algum tempo, porém, setores fundamentais, como o agronegócio e a construção pesada fizeram com que as piores estimativas ficassem para trás.

A prova disso está no crescimento de 9% na demanda anual no RS, em relação a 2023. Obviamente, deve-se levar em consideração que a base estava menor nos anteriores, com quedas em 2022 (-6%) e 2023 (-3%) – veja gráfico. Portanto, é uma recuperação, mas

EMBARQUE DE LAMINADOS PLANOS DE USINAS NACIONAIS DESTINADOS AO RS

1º TRIMESTRE DE 2021 AO 4º TRIMESTRE DE 2024



	1º TRIM 2021	2º TRIM 2021	3º TRIM 2021	4º TRIM 2021	1º TRIM 2022	2º TRIM 2022	3º TRIM 2022	4º TRIM 2022	1º TRIM 2023	2º TRIM 2023	3º TRIM 2023	4º TRIM 2023	1º TRIM 2024	2º TRIM 2024	3º TRIM 2024	4º TRIM 2024
CG	30.600	31.807	34.566	23.762	22.192	33.167	40.290	25.836	22.733	23.251	18.344	14.365	22.281	16.370	21.230	20.111
LQ	255.420	268.541	234.449	185.672	215.531	207.914	238.678	205.683	211.162	239.103	226.207	218.247	231.421	229.640	257.928	228.190
LF	61.748	61.043	42.094	32.913	41.498	44.256	47.939	37.658	36.174	40.532	37.265	44.003	45.586	52.933	43.421	45.531
CZ	67.646	65.392	60.292	65.618	61.827	70.643	75.528	60.988	54.186	55.626	64.522	80.252	72.541	54.468	86.248	83.482
FOLHA	1.081	1.509	1.563	684	243	761	564	488	399	25	0	0	0	0	46	0

TOTAL - TRI	416.495	428.292	372.964	308.649	341.290	356.741	402.999	330.653	324.654	358.537	346.338	356.866	371.829	353.410	408.871	377.314
TOTAL ANUAL	1.526.399				1.431.683				1.386.395				1.511.425			

COMPARATIVO %

TRIMESTRAL 2022 E 2023			
1º TRI 2023 - 1º TRI 2022	2º TRI 2023 - 2º TRI 2022	3º TRI 2023 - 3º TRI 2022	4º TRI 2023 - 4º TRI 2022
-4,87%	0,50%	-14%	8%

TRIMESTRAL 2023 E 2024			
1º TRI 2024 - 1º TRI 2023	2º TRI 2024 - 2º TRI 2023	3º TRI 2024 - 3º TRI 2023	4º TRI 2024 - 4º TRI 2023
14,53%	-1,43%	18%	6%

ANUAL %		
2021 - 2022	2022 - 2023	2023 - 2024
-6%	-3%	9%

FONTE: ARCELORMITTAL BRASIL | CSN | GERDAU | USIMINAS

muito substancial ao levarmos em conta tudo que aconteceu no estado.

O vice-presidente da área de Metalme-cânica da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS), Sérgio Neumann, lembra que a demanda dos aços produzidos no mercado interno vem há anos “andando meio de lado”, com pequenas variações. “Há uma pequena melhora aqui e ali”, diz ele, citando a chapinha zincada, que teve um aumento significativo, principalmente em função do agronegócio e de construções industriais. “A demanda interna segue muito acanhada. Nos últimos três anos segue se mantendo abaixo de 10%”, lembra Neumann.

Em toneladas de aço, essa recuperação significa 1,511 milhão, contra 1,386 milhão no

ano anterior. Mas não alcança o ano de 2021, quando chegou a 1,526 milhão de toneladas. Pode-se afirmar que em 2024 o Rio Grande do Sul recuperou o consumo, o que é um viés positivo. Mas ainda assim, permanece nos mesmos patamares dos melhores anos anteriores.

DESEMPENHO POR TRIMESTRE

Os quatro trimestres de 2024 apresentaram uma grande oscilação no consumo. No primeiro trimestre houve crescimento de 14,53% em relação ao mesmo período de 2023. No segundo trimestre, período da enchente, a queda foi de 1,43% na comparação com o ano anterior. Já o terceiro trimestre, quando a economia gaúcha começou a traje-

tória de retomada pós-catástrofe, houve um espantoso crescimento de 18%. Crescimento que se manteve no quarto trimestre, mas de forma bem mais moderada: 6%.

O presidente da AARS, Eduardo Zanotti, considera que num ano diferente e de muitas incertezas, esse quadro de demanda foi melhor que o esperado. “Não sabíamos o que iria acontecer depois da enchente, era algo difícil de se projetar. Começamos o ano muito bem e, de repente, ficamos sem rumo. Quando a situação começou a ficar mais clara e a economia foi sendo retomada, naturalmente o consumo voltou com força.”

CONSUMO POR TIPO DE AÇO

O ano de 2024 apresentou crescimento em todos os tipos de aço consumido no Rio Grande do Sul. Quando analisados por trimestre há algumas oscilações. Os **laminados a quente** tiveram um aumento de desempenho, passando de 218 mil toneladas no último trimestre de 2023, para 231 mil toneladas no primeiro trimestre de 2024. Já no segundo trimestre houve redução de 239 mil toneladas para 229 mil de um ano para outro. O terceiro trimestre, porém, teve um avanço importante, passando de 226 mil toneladas em 2023 para 257 mil em 2024.

As **chapas grossas** tiveram o menor crescimento, abaixo de 2% no ano. O melhor desempenho foi no primeiro trimestre de 2024, com 22 mil toneladas, contra 14 mil do quarto trimestre de 2023. No segundo trimestre houve uma considerável queda, de 16 mil contra 23 mil do ano anterior. Os dois últimos trimestres do ano apresentam recuperação, com consumo de 21 mil toneladas (3º tri de 2024), contra 18 em 2023. No quarto, chegou a 20 mil toneladas contra as 14 mil já citadas.

O aço **laminado a frio** performou seguindo a linha de crescimento que já vinha tendo em 2023. Proporcionalmente foi o segmento que mais cresceu em 2024, com 15,74%. No primeiro trimestre o consumo se manteve quase estável na comparação com o quarto trimestre do ano anterior, com 45 mil toneladas em 2024 e 44 mil em 2023. Mas quando se compara com o primeiro trimestre de 2023, o volume é bem mais significativo: 45 mil contra 36 mil toneladas. O segundo e o terceiro trimestres também tiveram crescimento importante. No segundo foram 52 mil toneladas em 2024 e 40 mil em 2023. No terceiro, 43 mil a 37 mil. O ano se encerrou no mesmo patamar que começou. O quarto trimestre teve desempenho de 45 mil toneladas, ligeiramente maior do que em 2023 (44 mil toneladas).



As **chapas zincadas** foram o segundo item em crescimento, alcançando 14,21% no ano todo. Os períodos de maior avanço foram o primeiro e o terceiro trimestres. No primeiro, foram 72 mil toneladas em 2024 contra 54 em 2023. O segundo trimestre foi o único que houve queda, justamente o período da enchente. Mesmo assim, uma queda pequena, de 55 mil toneladas em 2023 para 54 mil em 2024. A recuperação mais forte se dá no terceiro trimestre, quando o consumo chegou a 86 mil toneladas no ano passado e 64 mil no ano anterior. No quarto trimestre a demanda se mantém, com 83 mil toneladas, contra 80 mil em 2023.

EMPREGOS E INVESTIMENTOS

Se o ano de 2024 foi desafiador, há mais otimismo em relação às projeções futuras. O vice-presidente Sérgio Neumann afirma que tem ouvido de industriais estabelecidos no Rio Grande do Sul que a expectativa é de crescimento. “Principalmente no agronegócio e em máquinas para obras pesadas”, diz. Mas é importante observar que esse crescimento deverá se concentrar em equipamentos que tenham grande avanço tecnológico. “As máquinas convencionais, como as usadas na

pequena agricultura, permanecerão estabilizadas”, salienta Neumann.

A necessidade de embarcar cada vez mais tecnologia, especialmente em produtos de grande porte, está levando as empresas a promoverem um maior volume de investimentos. “As indústrias estão se modernizando, investindo, tanto em estrutura de produção, como na qualificação de seus profissionais”, afirma.

O vice-presidente da AARS se refere à formação profissional como algo extremamente necessário, diante da dificuldade das empresas conseguirem preencher as vagas disponíveis. “Hoje a indústria gaúcha tem aproximadamente 1.500 vagas abertas para profissionais com formação na área metalmeccânica. Isso é positivo, pois só oferece emprego quem tem perspectiva de crescimento.”

Para Neumann, essa é a boa notícia do momento. “Todas as empresas estão investindo muito em capacitação. São coisas positivas. Mas essa projeção se dá com base na qualificação do produto, não no aumento de produção. Então, vamos crescer, mas não deveremos elevar muito o consumo de aço.” 





A Metalúrgica Fallgatter entende que o foco no cliente e na valorização das pessoas conecta tecnologia, inovação e competitividade que geram novos negócios e conexões.

Os mais de 70 anos de uma história sólida confirma a capacidade de alavancar resultados a partir da transformação do aço em soluções para diversos clientes e mercados que buscam confiança e credibilidade, com a flexibilidade e transparência que os mercados exigem.

Conte com a Metalúrgica Fallgatter para transformar a sua necessidade em competitividade para o seu negócio e para o mundo. Dispomos da tecnologia e do conhecimento necessário para isso.

Telefone: 51 2123.4444

E-mail: vendas@fallgatter.com.br

www.fallgatter.com.br

Fallgatter

A permanente busca pela excelência

Jorge Gerdau Johannpeter é reconhecido por ser um empresário inquieto, especialmente quando o assunto é qualidade e competitividade. Presidente do Conselho Superior do MBC - Movimento Brasil Competitivo, com forte atuação na busca pela eficiência e qualidade da gestão nos setores públicos e privados do Brasil, Gerdau também é fundador do Programa Gaúcho da Qualidade e Produtividade e integra as Academias Internacional e Brasileira da Qualidade.

Atualmente, é membro do grupo de controle da Gerdau e um dos acionistas controladores da empresa. Exerceu os cargos de CEO e Presidente do Conselho do Grupo Gerdau.

Mas as inquietações deste homem que é referência a empreendedores brasileiros e estrangeiros, vão além das atividades industriais. Nas áreas de cultura, sociedade e educação, é presidente do Conselho da Fundação Iberê Camargo, Conselheiro da Fundação Bienal do Mercosul, participou do Conselho Consultivo da Júnior Achievement Brasil, é integrante do Conselho da Parceiros Voluntários e do Conselho de Fundadores do Movimento Todos pela Educação, que presidiu durante 10 anos.

Nada mais justo, portanto, que Jorge Gerdau nos brindasse com um livro onde traduz, de forma clara e objetiva, o seu pensamento de vida,

pessoal e profissional, que é a busca da excelência. Em *A Busca* (Ed. Citadel, 2024, 174 págs.), o autor resume ideias que o conduziram ao longo de décadas, tanto na direção das empresas, como em temas que sempre lhe preocuparam, como a educação e o voluntariado.

Gerdau mostra uma visão otimista do Brasil e dos brasileiros, enaltecendo que o País e seu povo têm tudo para se transformar em uma grande nação. Compara métodos aplicados no setor empresarial, principalmente nas empresas Gerdau, com a mesma aplicação na área pública, fazendo, evidentemente, as devidas adaptações.

O livro é uma obra de leitura obrigatória para todos aqueles que desejam empreender ou são empreendedores. Mesmo que você já conheça as ideias de Jorge Gerdau, ainda assim vai se surpreender com os propósitos defendidos por ele, colocados de forma direta, sem rodeios e, portanto, eficazes.

Esta edição da *Panorama do Aço* traz, também, a opinião do empresário sobre o atual momento vivido pelo setor do aço no mundo, incluindo o Brasil. Nas páginas seguintes Gerdau analisa os impactos da alta produção na China, apesar da redução em 2024, e como a elevação de tarifas poderia trazer um melhor equilíbrio entre as nações produtoras. 🖋️



DESEQUILÍBRIO

É MUNDIAL

Vou analisar o tema do aço frente ao cenário vivido nos últimos meses. Ressalto aqui o trabalho feito pelo Movimento Brasil Competitivo (MBC) em relação ao Custo Brasil, comparando a realidade brasileira ao cenário mundial. O Custo Brasil, indicador obtido a partir do estudo realizado pelo MBC em parceria com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), é resultado de um conjunto de entraves que oneram o ambiente de negócios nacional. O número, estimado em R\$ 1,7 trilhão, impacta na operação de empresas de diversos portes e segmentos, encarece preços e serviços, comprometendo investimentos e a geração de empregos no país.

Considerando as diferentes rotas de produção, seja via minério, carvão, coque ou reciclagem de sucata, as diversas tecnologias adotadas para a produção de aço pelos países e as demandas e exigências de qualidade, em meio a um cenário de excesso de capacidade de aço no mundo, temos um quadro internacional tremendamente complexo.

Isso acontece principalmente pela política de produção e vendas da China, que resulta em uma sobre oferta de aço de 100 milhões de toneladas, o que é equivalente a cerca de quatro vezes o consumo de aço no Brasil. Este dado é apenas um exemplo do que acontece hoje no mercado global. É certo que a China é responsável pela produção de 50% de todo o aço produzido no mundo, o que faz com que qualquer definição ou política estabelecida nesta nação asiática cause um desequilíbrio total no mercado mundial.

Consequentemente, os demais países passam a fazer uso de medidas de defesa comercial frente às exportações chinesas. Destaca-se, em primeiro lugar, a política dos Estados Unidos, estabelecida no governo republicano anterior e mantida pelos democratas e que deve se consolidar com o novo governo republicano. O exemplo norte-americano foi usado como referência pelos 27 países da União Europeia, que também implementou medidas de defesa comercial, assim como fizeram Inglaterra, a Turquia e praticamente todo o mundo ocidental.

Em meio a esse cenário, a indústria brasileira do aço, por meio de seu grupo representativo, dialogou com o governo brasileiro que, depois de dezenas de meses analisando o problema de entrada excessiva de aço importado no país, decidiu implementar um sistema misto de defesa comercial, que inclui tarifas e cotas. Porém, o limite de importação deveria ser estabelecido levando-se em conta um número histórico de importações, perto de 2 milhões de toneladas ao ano, limitando a cota permitida, e não a partir de um histórico mais recente, cujo número anual é superior a 5 milhões de toneladas. Consequentemente, o desequilíbrio comercial segue existindo e esta medida de defesa comercial se mostrou ineficaz, uma vez que não resultou na redução de importações da China.

É importante observar que a China realiza estas exportações, mesmo tendo expressivos prejuízos, porque a maior parte da produção chinesa é responsabilidade de empresas estatais. Mas mesmo as companhias privadas têm apoio financeiro do governo local, o que faz com que haja uma es-

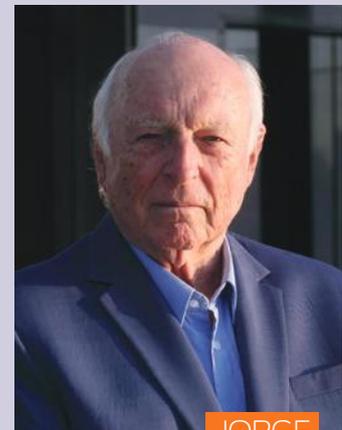
tratégia econômica e política para o aço chinês totalmente diferenciada. Neste contexto, se coloca a discussão global de como o mundo pode e deve enfrentar um tema desta natureza, no qual o país exportador controla mais que 50% da produção mundial e não ajusta sua política interna de acordo com as dimensões reais do mercado global de aço e, conseqüentemente, cria uma perturbação no sistema. Isso faz com que não a China, mas as empresas privadas, que estão em grande parte no mundo ocidental, precisem se ajustar à realidade do mercado, caracterizado por uma oferta totalmente desajustada e que chega ao mercado com preços até US\$ 50 abaixo dos custos de produção destas organizações. Isso gera um problema de absoluto desequilíbrio e desentendimento.

**É IMPORTANTE
OBSERVAR QUE A
CHINA REALIZA ESTAS
EXPORTAÇÕES, MESMO
TENDO EXPRESSIVOS
PREJUÍZOS, PORQUE
A MAIOR PARTE DA
PRODUÇÃO CHINESA É
RESPONSABILIDADE DE
EMPRESAS ESTATAIS.**

A defesa comercial estabelecida pelos Estados Unidos abrange uma tarifa de 25%, valor também adotado por praticamente todos os demais países. No Brasil, porém, tivemos dificuldade em estabelecer este valor, o que permitiu que as importações seguissem crescendo e ultrapassando os valores históricos. Esse desequilíbrio no mercado brasileiro atual é realmente preocupante.

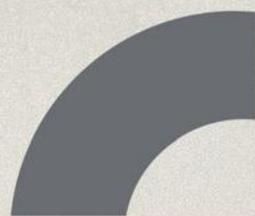
A discussão é de que deveria haver uma solução global para um problema de natureza também mundial. As empresas estatais deveriam ser proibidas de exportar toda a sua produção de aço e fazerem parte do comércio internacional, o que pode ser complexo também. Na realidade, deveríamos tentar achar uma equação de política mundial, pois este desequilíbrio existente no aço também já existe em algumas outras atividades empresariais. Um país como a China, que tem uma carga tributária bastante razoável ou acima da média de outros países, possui um custo de governo e custos de suas responsabilidades sociais extremamente pequenos em relação ao resto do mercado, o que faz com que haja políticas que internamente talvez sejam válidas, mas que não deveriam ter efeitos e possibilidades de concorrência internacional.

Como harmonizar, então, este conflito? A exportação chinesa equivale a quatro vezes a produção atual do Brasil. Por isso, chegamos a cifras e números absolutamente perturbadores, e cabe ao governo tomar decisões macropolíticas que não correspondem às tradicionais políticas econômicas entre países. 



JORGE
GERDAU JOHANNPETER

Pres. do Conselho Superior do
Movimento Brasil Competitivo



FAVORIT

Aços Especiais

CORTE E DISTRIBUIÇÃO DE AÇO COM **ALTO PADRÃO E COMPETÊNCIA TÉCNICA**

A Favorit atua no corte e distribuição de aços especiais para todo país com qualidade, credibilidade e comprometimento.

NOSSOS PRODUTOS:

- **Aços Ferramenta**
- **Aços Inoxidáveis**
- **Blocos para Ferramentas**
- **Tubos Mecânicos**
- **Aços para Construção Mecânica**
- **Aços para Tornos Automáticos**
- **Plasma A36 e 1045**
- **Oxicorte**
- **Aços Comerciais**
- **Chatos e Cantoneiras**
- **Aços Forjados**
- **Ferro Fundido**
- **Perfis Estruturais**

CACHOEIRINHA/RS

Fone: (0xx51) 3470.9000
favorit@favorit.com.br

ITUPEVA/SP

Fone: (0xx11) 4591.7373
saopaulo@favorit.com.br

CURITIBA/PR

Fone: (0xx41) 3513.1800
curitiba@favorit.com.br

CAXIAS DO SUL/RS

Fone: (0xx54) 3771.5030
caxias@favorit.com.br

www.favorit.com.br

UMA REFORMA SOBRE O CONSUMO TECNOLÓGICO, INDUSTRIAL E ALINHADA INTERNACIONALMENTE

O Brasil aprovou a primeira grande Reforma Tributária sobre o consumo no país após 58 anos. A última grande alteração constitucional havia sido realizada por meio da Emenda Constitucional nº 18/65, que instituiu o ICM. Este era um imposto não-cumulativo, de base ampla, estadual e substituía o antigo Imposto de Vendas e Consignações (IVC), cumulativo. Estávamos entre os primeiros países a adotar tamanha inovação. Os resultados econômicos e o reforço industrial do país ficaram muito claros. Era uma tributação mais simples e que desonerava a indústria.

Infelizmente, o ICM não foi atualizado e perdeu as grandes alterações internacionais sobre a tributação no consumo. Alguns fatores transformaram o ICMS em um dos piores impostos sobre o consumo no mundo. A sua imensa complexidade, com alíquotas distintas em cada Estado, a existência de inúmeros regimes diferenciados, especiais, reduções de base de cálculo, substituição tributária, diferencial de alíquota e isenções fiscais desestimulava a produção e o comércio. A indústria e a sociedade brasileira clamavam por um modelo pautado pela simplicidade.

O ICMS cobrado de forma mista, na origem e no destino, implicava no surgimento de uma cruel guerra fiscal entre os Estados, onde o vencedor não era o mais competitivo e conhecedor

do desejo do consumidor, mas aquele que conseguia um regime tributário diferenciado ou tinha o melhor planejamento tributário.

A distinção rígida de competências tributárias entre Estados e Municípios, nos quais os primeiros tributavam as mercadorias e os segundos os serviços, criaram uma situação insustentável. Afinal, qual o imposto devido em operações com serviços mistos, tais como: produção de embalagens, farmácias de manipulação, factoring, franquias, leasing e, pior de tudo, como devem ser tributados serviços digitais e todos os novos serviços com tecnologia embarcada, tais como robótica, drones, entre outros.

Estes fatores tornavam a tributação brasileira sobre o consumo opaca para investidores estrangeiros, afastavam o país das grandes cadeias produtivas internacionais, enfim estava completamente desalinhada de nossos parceiros internacionais.

Depois de uma longa tramitação foi aprovada a Emenda Constitucional 132/23, que trouxe mudanças fundamentais. Passam a ser princípios do nosso Sistema Tributário a simplicidade, a cooperação e a proteção do meio ambiente.

Cria-se o IBS e a CBS de competência compartilhada entre Estados e Municípios, que terão

normas gerais uniformes, incidirão sobre bens, tangíveis e intangíveis, serviços e direitos. Elimina-se a discussão sobre competências tributantes e os conflitos entre Estados e Municípios, por meio de uma simplificação da materialidade de incidência.

A DISTINÇÃO RÍGIDA DE COMPETÊNCIAS TRIBUTÁRIAS ENTRE ESTADOS E MUNICÍPIOS, NOS QUAIS OS PRIMEIROS TRIBUTARIAM AS MERCADORIAS E OS SEGUNDOS OS SERVIÇOS, CRIARAM UMA SITUAÇÃO INSUSTENTÁVEL.

O tributo passa a ser cobrado no destino e proíbem-se os incentivos fiscais do IBS e da CBS, acabando com a guerra fiscal e um período de compensação dos incentivos existentes. As empresas passarão a verificar a localização especial de suas unidades em função de um planejamento empresarial e não mais de um planejamento tributário. Abre-se um período de reorganização espacial, societária, de mix de produtos, em face dos novos tempos.

Propõe-se uma não-cumulatividade ampla e plena, sem exceções. Prevê-se um modelo de apuração automatizado, com liquidação automática e por fora, de tal modo que a possibilidade de sonegação tende a ser reduzido. As empresas

precisarão de meios de controle e ajuste financeiro para evitar futuros problemas de fluxo de caixa.

Haverá uma redução do número de alíquotas, com uma alíquota de referência por ente federado, mas ainda se mantêm diversos produtos e serviços em regime diferenciado e especial. As empresas precisarão considerar esta alteração nas alíquotas no seu mix de produtos, orientados pelos novos critérios. De outro lado, a criação de uma devolução do tributo pago (cashback) e de uma cesta básica nacional, tende a aumentar o consumo nos produtos essenciais.

A proposta recebeu uma menção positiva da OCDE e há muito tempo destacava negativamente a tributação do consumo no país. Estamos alinhados internacionalmente, com nossos principais parceiros comerciais.

Não será uma construção fácil, mas a redação do PLP 68/24, por representantes de todos os entes federados, de forma paritária e em tempo recorde; a aprovação no Congresso Nacional, depois de centenas de audiências públicas, mostra que a sociedade, esfera pública e indústria, podem avançar rumo a um sistema tributário mais simples, eficiente e adequado às nossas empresas. 



PAULO
CALIENDO

Doutor em Direito Tributário



COMERCIAL GERDAU

A DISTRIBUIDORA PRÓPRIA DOS AÇOS GERDAU

Mais de 70 lojas espalhadas por
todas as regiões do Brasil.

Faça sua cotação:



0800 722 3322



mais.gerdau.com.br

Aço para construção, indústria, agropecuária
e loja de materiais para construção.

Panatlântica mira o futuro, com a mais moderna tecnologia do presente

Uma das maiores indústrias da cadeia do aço do Rio Grande do Sul e há muitos anos figurando entre as 10 mais importantes de Gravataí, na Região Metropolitana de Porto Alegre, a Panatlântica tem sua operação totalmente voltada ao processamento de aços planos. Possui os mais amplos e modernos centros de serviços do segmento no país. O Grupo tem oito unidades que trabalham em sintonia, para atender as demandas dos clientes com eficiência e alta qualidade.

As empresas oferecem uma linha completa de produtos e serviços, que inclui bobinas e chapas, fitas em geral, blanks de chapas, fitas de embalagem, perfis estruturais, perfis especiais, perfis I e W, telhas revestidas, telhas pintadas, painéis frisados, tubos e a prestação de serviços que o cliente procurar. A atuação se dá nos mais diversos segmentos industriais, como automotivo, agrícola, rodoviário, coureiro-calçadista, equipamentos industriais em geral, além de construção civil, móveis, ferragem, utilidades domésticas, ferramentas, entre outros.

Cada demanda é trabalhada a partir de soluções customizadas, que garantam ao cliente a entrega do produto ou serviço em aços planos direcionado àquilo que ele precisa. O Gru-

po Panatlântica, desde sua criação, tem como principal objetivo atender, com eficiência e inteligência, o mercado de aços planos, primeiramente no cenário nacional; mas, com o tempo, ganhou robustez e alçou voos para além das fronteiras brasileiras.

A empresa também está presente em Glorinha, Caxias do Sul e Farroupilha (RS), Joinville e São Francisco do Sul (SC), e em Campo Limpo Paulista (SP). A localização é estratégica, permitindo o atendimento a todo o território nacional e aos países da América do Sul, em especial, direcionando as exportações aos vizinhos do Mercosul.

A HISTÓRIA

A Panatlântica foi criada em Porto Alegre, em outubro de 1952, e, em 1975, transferiu-se para Gravataí, onde inaugurou o Distrito Industrial do Município. A sede está instalada em um complexo de quase 20 mil m² de fábrica, além de outros três mil m² destinados às operações administrativas, refeitório e vestuário. Holding familiar de mais de 70 anos, tem capital aberto com ações na Bolsa de Valores desde 1971 e conta mais de 600 funcionários. Na gestão das pessoas, valoriza o indivíduo proporcionan-

do um ambiente saudável, que se traduz em ganho de produtividade e qualidade dos seus produtos e serviços.

O controle acionário é do grupo L. P. Aços e Participações (65,14%), tendo a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) como a segunda

maior acionista. O empresário Raul Maselli é o presidente do Conselho de Administração da holding familiar, cujo compromisso é aliar tecnologia, qualidade e tradição no beneficiamento de aços planos para o melhor atendimento às necessidades do cliente. 

As plantas do Grupo Panatlântica



Panatlântica S.A. | Gravataí-RS (matriz)

Unidade com capacidade de processamento de materiais de baixo, médio e alto carbono e aços microligados. Produz aços com propriedades mecânicas e tolerâncias restritas, ajustadas para aplicações específicas.



Panatlântica Catarinense S.A. | Joinville-SC

Referência em distribuição de aços planos, desde o início das atividades na cidade a empresa notou o potencial estratégico da localização da planta. Com o crescente desenvolvimento do mercado, a cidade ganhou uma filial e se tornou uma unidade industrial independente, sob o controle da Panatlântica S.A.



Panatlântica Tubos | Caxias do Sul-RS

Unidade adquirida em 2013 da Atkore International. Resultado da expansão dos negócios do Grupo Panatlântica, a unidade de Caxias do Sul fornece tubos, chapas, perfis, fitas de slitters e bobinas em aço.

Pilares na inovação e na *honestidade*

Com 46 anos de história na siderurgia e metalurgia, o Grupo PCP Steel atua no mercado nacional e na exportação. É formado por três empresas, que oferecem produtos e serviços de distribuição de chapas de aço de alta resistência, tubos e cilindros hidráulicos, peças e conjuntos metálicos de alta e ultra alta resistência, além de serviços de desbobinamento e corte de chapas de aço. O Grupo atende diversos setores com soluções para cada mercado: implementos rodoviários, máquinas agrícolas, guindastes, mineração, equipamentos para construção, transporte florestal, cilindros hidráulicos.

Tudo começou em 1978, no mercado de representações comerciais. Pouco mais de uma década depois, em 1990, ingressou na indústria e atualmente conta com aproximadamente 400 funcionários nas três empresas: PCP Produtos Siderúrgicos (especializada na distribuição de aços de alta resistência), PCP Serviços de Corte em aço (centro de serviços, atende os segmentos metalmeccânico, agrícola,

automotivo e de implementos rodoviários), e Unylaser Produtos e Componentes Metálicos (centro de fabricação de produtos e componentes metálicos, referência nacional na fabricação de peças em aço de alta e ultra alta resistência).

Segundo o criador e presidente do Grupo, Humberto Cervelin, o crescimento do negócio é resultado de um conjunto de fatores, especialmente da busca permanente por oferecer aos clientes e parceiros diferenciais que tornem sua relação com a marca única e vantajosa. Segundo Cervelin, a credibilidade construída ao longo da história é a maior conquista e o alicerce sobre o qual todo o trabalho é realizado. “Nossos produtos têm tecnologia e valor agregado, buscamos inovar sempre e, principalmente, sermos pioneiros. O Grupo PCP sempre foi uma empresa disruptiva, uma organização de destaque nos seus segmentos”, avalia. Para Cervelin, por não ser uma empresa de grande porte, precisou passar por mais desafios para enfrentar grupos e empresas maiores. “Mas isso nunca nos paralisou, ao contrário, nos levou a desenvolver diferenciais importantes”, refletiu.

PIONEIRISMO

O Grupo PCP Steel foi o precursor no Brasil a trabalhar com aço de alta resistência e, nos últimos 10 anos, desenvolveu novos graus de resistência mecânica e ao desgaste. O portfólio de chapas varia de 1 mm até 160 mm de espessura. Um produto que já existia na Europa e era utilizado na construção de coberturas, mas que não havia chegado ao Brasil, onde o zinco e o alumínio



Sede da PCP em
Caxias do Sul (RS)

cumpriam mais esse papel. “Fomos os responsáveis por aprender, desenvolver, entender e dominar esse produto”, recorda Cervelin.

Outros produtos introduzidos no mercado pelo Grupo foram os tubos trefilados e as barras cromadas para cilindros hidráulicos, com qualidade, dimensões e especificações inovadoras no ambiente brasileiro. Além disso, a fabricação do Raptor Florestal, fueiro líder de vendas nas Américas, para transporte e contenção de madeira, o mais leve e resistente oferecido no mercado, é mais um pioneirismo enumerado.

Recentemente, foi lançado o fueiro automatizado Raptor Safe, operado à distância, por controle remoto. “É uma grande inovação de âmbito global na área e, em breve, vamos colocar em escala comercial”, projeta. O processamento de bobinas com até 20 mm de espessura, dois metros de largura e peso acima do comum, a qualidade do aplainamento de chapas e o valor agregado ao material também merecem destaque, na avaliação de Humberto Cervelin.

HORIZONTE

Uma história construída sob a premissa do pioneirismo exige planejamento consistente, com foco no desenvolvimento do negócio. O Grupo PCP conta com um plano robusto de exportação, direcionando investimentos significativos à Unylaser, empresa focada na oferta de produtos com valor agregado, tecnologia e inovação.

Com o plano de expansão foram abertos novos negócios na América do Sul, América do Norte, Europa e África, tanto com o fornecimento de componentes sob projeto de clientes, quanto com produtos e marcas próprias, como a Raptor Florestal, líder de vendas no Brasil e na América do Sul.



Raptor Florestal, fueiro líder de vendas nas Américas

Já a área de distribuição, que hoje conta com unidades em Caxias do Sul (RS), Curitiba (PR), Indaiatuba (SP) e Betim (MG), está em fase de expansão, com a inauguração da filial de Minas Gerais da Unylaser e a mudança da filial da PCP Produtos para uma nova área no mesmo estado, triplicando a capacidade de atendimento. Além disso, até o fim deste ano será inaugurada a filial de Parauapebas, no Pará, o que leva a empresa a projetar seu fortalecimento nessa região.

Segundo o presidente Humberto Cervelin, a empresa mantém o propósito de ser referência no setor do aço, alicerçada em vínculos de renovação, confiança e credibilidade. “Operamos, desde sempre, por meio de relacionamento honesto e que vise um trabalho de união, de soma. Projetamos estar sempre atualizados em tecnologia, oferecendo ao mercado produtos e serviços inovadores”, reforça.

Cervelin adverte que seu objetivo não é deixar aos sucessores conta bancária ou patrimônio de máquinas e prédios. “Isso é uma decorrência do negócio: pretendo que aqueles que tocarem a empresa depois de mim mantenham os princípios e os valores. É isso que nos impulsiona, nos mantém vivos e atuantes”, conclui. 

Maior investimento da história em Santa Catarina



Maior produtor de aço no Brasil e líder no mercado global, o Grupo ArcelorMittal, inaugurou, no fim de 2024, a expansão da Unidade Vega, em São Francisco do Sul (SC). Essa obra demandou investimentos de mais de R\$ 2 bilhões, que são parte dos R\$ 25 bilhões em ampliações, modernizações, aquisições e energia renovável que a companhia vai realizar no Brasil até 2028. Com a entrada em operação, o Projeto CMC (Cold Mill Complex) aumentou a capacidade instalada da unidade de 1,6 milhão de toneladas para 2,2 milhões de toneladas de aço bruto por ano.

Essa expansão permitiu a criação de uma nova linha de galvanização e recozimento contínuo, que permite o beneficiamento combinado de aços laminados a frio e revestidos, em sistema combiline, que proporciona produção flexível e adaptável às demandas do mercado. A unidade também passa a ser a primeira fora da Europa a produzir o Magnelis®, uma solução em aço ex-

clusiva da ArcelorMittal, constituída por zinco, alumínio e magnésio, que oferece diferenciais como a alta resistência à corrosão, para atender demandas específicas que exigem alta proteção contra a corrosão, como na agricultura, construção civil, projetos de energia solar, infraestrutura rodoviária, linha branca, móveis e sistemas de armazenagem.

A obra de expansão reflete a decisão estratégica da ArcelorMittal de ampliar e investir no país, desenvolvendo aços de alto valor agregado e mais competitivos. A expansão em Santa Catarina representou a abertura de 350 novas vagas permanentes na unidade, que atualmente mantém 1.300 empregos diretos. No mundo, o Grupo tem cerca de 127 mil empregados, 20 mil no Brasil. “A conclusão da expansão abre novas perspectivas de negócios, atendendo a outros mercados, como é o caso do Magnelis® para soluções de energia solar, mas também atende à demanda de segmentos em que já somos muitos competitivos,

como o automotivo”, destaca Sandro Sambuqui, Diretor da ArcelorMittal em Santa Catarina. “O crescimento reafirma o compromisso da empresa com regiões onde atua, fortalecendo a indústria e reafirmando nosso propósito de produzir aços inteligentes para as pessoas e o planeta”, finaliza.

HISTÓRICO DE INVESTIMENTOS EM SC

A Unidade Vega da ArcelorMittal é considerada o maior investimento no segmento industrial já realizado pela iniciativa privada em Santa Catarina, com um total de R\$ 4,5 bilhões desde a construção da planta de São Francisco do Sul, inaugurada em 2003. Protagonista na criação de um polo siderúrgico e de novos negócios na região Norte do Estado, a empresa tem atuação marcante também no desenvolvimento do mercado de trabalho e da cadeia de fornecedores, sendo ainda destaque nos investimentos em Responsabilidade Social e Meio Ambiente.

A Vega atua na transformação de aços planos, produzindo aços decapados, laminados a

frio e revestidos que atendem principalmente os setores automobilístico, de eletrodomésticos e da construção civil. A unidade também se tornou uma das primeiras do Brasil a conquistar a certificação internacional ResponsibleSteel™, que estabelece padrões de processamento e produção responsável do aço, reconhecendo o alto padrão dos processos de produção da unidade e sua atuação comprometida com a sustentabilidade.

GIGANTE DO AÇO

A ArcelorMittal exporta para mais de 140 países. No Brasil tem unidades industriais em oito estados (MG, ES, RJ, SC, CE, BA, SP e MS), além de ser a maior rede de distribuição de aço do país.

As plantas brasileiras têm capacidade de produção anual de 15,5 milhões de toneladas de aço bruto e de 5,1 milhões de toneladas de minério de ferro. O portfólio de produtos atende a diferentes setores, com destaque para indústria automobilística, de eletrodomésticos, construção civil, óleo e gás, máquinas e equipamentos. 



Retomados projetos de incentivo ao aço na construção e de publicações técnicas

Cumprindo sua missão de fortalecer a importância da qualidade e da produtividade, proporcionando meios que levem à excelência empresarial, visando ao crescimento e ao aumento de competitividade do setor, a Associação do Aço do Rio Grande do Sul decidiu retomar dois projetos de alta relevância. Um, de estímulo ao uso do aço na construção civil, e outro, de publicações técnicas, denominado Modelos de Gestão.

Desde 1992, a AARS vem pautando sua atuação por uma postura de liderança setorial nas questões ligadas à qualidade e competitividade. Em 1999, redirecionou estrategicamente a missão, colocando o estímulo ao uso do aço na economia do RS. Inclusive criou uma vice-presidência específica para a área de construção metálica.

A partir de 2025, a Associação consolidará um

programa de estímulo às empresas, profissionais e estudantes de Engenharia e Arquitetura, através do seminário O Uso do Aço na Construção Civil. “O objetivo é o desenvolvimento, aprimoramento técnico e motivacional para emprego da construção em estruturas metálicas no Estado”, explica a diretora-executiva da AARS, Bete Lopes.

Também está prevista participação nas semanas acadêmicas das principais universidades, para apresentar a construção em aço aos estudantes dos cursos de Engenha-



Seminários serão retomados

ria e Arquitetura, visando despertar o interesse dos futuros profissionais.

Outra atividade será a realização de seminários técnicos dentro da feira de construção Construsul, com o propósito de apresentar novas tecnologias disponíveis no mercado. Esta ação se dará em parceria com o CBCA – Centro Brasileiro da Construção em Aço.

A construção civil é um dos segmentos com menor consumo de aços planos no RS

e o emprego de estruturas metálicas neste setor representa importante oportunidade para as usinas produtoras e para as empresas fabricantes de estruturas metálicas.

A AARS conta com parcerias importantes, como a FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, CREA – Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, SINDUSCON-RS – Sindicato da Indústria da Construção Civil, Sociedade de Engenharia do RS, SENGE-RS – Sindicato dos Engenheiros e PUCRS. 

Publicações

Outro projeto que está sendo retomado é o Modelos de Gestão, constituído da publicação de livros sobre temas de gestão, cujo conteúdo possa ser usado por profissionais e empreendedores para aprimorar suas atividades. “Nosso foco em 2025 é dar início à produção de um livro sobre gestão financeira das empresas, com o objetivo de entregar ao mercado um conteúdo relevante para uma área que é altamente sensível”, destaca a diretora-executiva da AARS.

O foco de cada publicação será entender e disseminar a visão empreendedora de cada líder, bem como sua forma de abordar a gestão de seus negócios.

O projeto e o plano de ação já estão aprovados pela diretoria da entidade.



Sergio Neumann **é o Destaque do Aço 2024**

*Diretor-presidente da
Metalúrgica Fallgatter
lidera companhia que
tem mais de 70 anos
na produção de peças
e equipamentos para o
mercado brasileiro
e internacional.*

O Salão de Eventos da Associação do Aço do Rio Grande do Sul (AARS) foi o palco da entrega do Troféu Destaque do Aço 2024, numa elegante cerimônia realizada em cinco de dezembro do ano que passou. O diretor-presidente da Metalúrgica Fallgatter, Sergio Alberto Neumann, foi o escolhido pela Comissão Especial para receber a premiação.

Neumann dirige a Fallgatter, empresa que se dedica à fabricação e distribuição de produtos em aço há mais de 70 anos, atendendo clientes no Brasil e no exterior.



A premiação se deve ao crescimento consistente e contínuo da Fallgatter, que atua de maneira muito integrada a seus clientes, oferecendo peças e componentes industriais e agrícolas, chapas de aço, beneficiamento, equipamentos para siderurgia, construção e pavimentação, correntes de engenharia e de transmissão, sistemas de transporte, elevadores e esteiras. “Nossa política de qualidade tem o propósito de fornecer produtos e soluções que atendam às necessidades dos nossos clientes”, salienta Neumann.

Ao receber o Destaque do Aço, Sergio Neumann, que também é vice-presidente da área de Metalmeccânica da AARS, disse estar muito feliz. “É um reconhecimento que me deixa feliz e lisonjeado. Realmente é um momento muito especial.”

A cerimônia contou com a presença do presidente da AARS, Eduardo Zanotti, integrantes da diretoria, do presidente do Conselho Superior da AARS, Adelar Santarém, do Secretário Estadual de Desenvolvimento Econômico, Ernani Polo, representando o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, deputado estadual Felipe Camozzato, e vereadora Comandante Nádia, além de clientes, fornecedores e familiares do homenageado.

Sergio Alberto Neumann começou a carreira profissional nos anos 1970 como vendedor técnico, funcionário da Casa das Correntes, em Porto Alegre. Em pouco tempo deu início a uma usinagem na própria Casa das Correntes, onde eram fabricadas rodas dentadas. Em 1973 surgiu a oportunidade de adquirir a Metalúrgica Fallgatter, que tinha apenas 16 funcionários. Neumann



dedicava até 14 horas por dia de trabalho para desenvolver os negócios. Tanto que abandonou o curso de Engenharia. Um tempo depois outra empresa foi comprada, a Fundação CIREI, e, em 1998, a Fallgatter se estabeleceu definitivamente no Distrito Industrial de Cachoeirinha, onde está até hoje, o que permitiu ampliar o espaço físico para crescer. Mas tudo de forma cautelosa e consistente, como lembra Neumann. “Um passinho na frente do outro, sem nada de ousadia, mas sempre crescendo.”

O diretor-presidente completou 50 anos na empresa, dizendo-se muito feliz pela estabilidade conquistada. “A empresa está sólida. Agora a gente tem que preparar a diversidade da administração. Esse é o nosso desafio de hoje, manter um alicerce sadio para que a empresa se perpetue.”

Com 650 funcionários a Fallgatter está estabelecida em sede própria, em um parque industrial com avançada tecnologia, desenvolvendo soluções para outras empresas do setor metalmeccânico, principalmente no segmento de máquinas e implementos agrícolas, além de equipamentos de construção e pavimentação. A companhia atende mais de 600 clientes no Brasil e exporta para seis países.

Sergio Neumann também presidiu a Associação do Aço do RS no período de 1997 a 2000. Nascido em Porto Alegre, em 1949, é casado com Eliana e pai de três filhas, Cristiane, Caroline e Camila, que hoje participam do conselho da empresa. Caroline também administra a Casa das Correntes. Tem sete netos, sendo a mais velha com 16 anos e o mais novo com 3 anos. 🚩



TE ATENDEMOS COM

QUALIDADE **RAPIDEZ E EFICIÊNCIA**



ACESSE
NOSSO SITE

BOBINAS • CHAPAS • SLITTER • PERFIS • TUBOS

Porto Alegre - RS
CENTRO ADMINISTRATIVO
E COMERCIAL

Rua Gutemberg, 151 - 17º andar
Bairro Petrópolis, 90690-450

Araquari - SC
CENTRO FABRIL
E COMERCIAL

Rod. BR 280, 5005, Km 27
Bairro Colégio Agrícola, 89245-000

Curitiba - PR
CENTRO COMERCIAL

Av. 7 de Setembro, 4682, sala 1106
11º Andar - Bairro Batel, 80240-000

São Paulo - SP
APOIO LOGÍSTICO
E COMERCIAL

Rua Cadiriri, 203/233
Bairro Mooca, 03109-040

Mimoso do Sul - ES
EM OBRAS
CENTRO FABRIL E COMERCIAL

BR-101, KM 457, 29400-000

SAMPAIO-SA.COM.BR

 **SAMPAIO DISTRIBUIDORA DE AÇO**

 **SAMPAIO**
DISTRIBUIDORA DE AÇO

Relação das empresas associadas 2025

AÇOS FAVORIT DISTRIBUIDORA LTDA.

www.favorit.com.br

Cachoeirinha - RS

(51) 3470-9000

Itupeva - SP

(11) 459-17373

Curitiba - PR

(41) 3025-1000

Caxias do Sul - RS

(54) 3028-5000

APERAM INOX AMÉRICA DO SUL

www.brasil.aperam.com

Av. Carandaí, 1115, 10º andar

Belo Horizonte - MG

CEP: 30.130-915 - (31) 3235-4200

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1.355,

20º andar - São Paulo - SP

CEP: 01.452-919 - (11) 3818-1821

ARCELORMITTAL BRASIL

www.arcelormittal.com.br

Av. Carandaí, 1115 - Belo Horizonte - MG

CEP: 30.130-915 - (31) 3219-1444

ARCELORMITTAL BRASIL S.A. /

ARCELORMITTAL TUBARÃO

www.arcelormittal.com.br/tubarao

Av. Brigadeiro Eduardo Gomes, 930 - Serra - ES

CEP: 29.163-970 - (27) 3348-1333

ARCELORMITTAL BRASIL S.A. /

ARCELORMITTAL VEGA

www.arcelormittal.com.br/vega

Rodovia BR 280, Km 11 - São Francisco do Sul -

SC - CEP: 89.240-000 - (47) 3471-0600/0581

ARCELORMITTAL GONVARRI

PRODUTOS SIDERÚRGICOS

www.arcelormittalgonvarri.com.br

Avenida Avelino Maciel Neto, 1811

Centro - Glorinha RS - CEP: 94.380-000

(51) 3238-6832

BRASILATA S.A. EMB. METÁLICAS

www.brasilata.com.br

Rodovia BR 386, Km 350 - Estrela - RS

CEP: 95.880-000 - (51) 3712-8900

BRUNING TECNOMETAL LTDA.

www.bruning.com.br

Rua 25 de Julho, 2.305 - Panambi - RS

CEP: 98.280-000 - (55) 3376-9021

**CIA. NACIONAL DO AÇO IND. COM. | CIA.
NACIONAL DO AÇO CENTRO DE SERVIÇOS**

www.cnars.com.br

Rodovia Frederico Dohl, 1.661 - Alvorada - RS
CEP: 94.853-250 - (51) 2121-7777

**COFERCAN COMERCIAL
DE FERROS CANOENSE LTDA.**

www.cofercan.com.br

Av. Guilherme Schell, 940 - Canoas - RS
CEP: 92.200-630 - (51) 3464-2800

COMERCIAL GERDAU

mais.gerdau.com.br

Av. dos Estados, 1.601 - Anchieta
Porto Alegre - RS - CEP: 90.200-001
(51) 3373-2500

**CSN - COMPANHIA
SIDERÚRGICA NACIONAL**

www.csn.com.br

Av. Brigadeiro Faria Lima, 3400, 20º andar
São Paulo - SP - CEP: 04.538-132
(11) 3049-7100

DAGNESE & CIA LTDA.

www.dagnese.com.br

Rodovia RS 324, Km 17, nº 485
Nova Bassano - RS - CEP: 95.340-000
(54) 3273-3000

**DALLEAÇO SOLUÇÕES EM
AÇOS PLANOS LTDA.**

www.dalleaco.com.br

Av. Sen. Salgado Filho, 422 - Rio dos Sinos
São Leopoldo - RS - CEP: 93.110-351
(51) 3037-1300

**DALLEMOLE ESTRUTURAS
METÁLICAS LTDA.**

www.dallemole.com.br

VRS 814, Km 1 - Flores da Cunha - RS
CEP: 95.270-000 - (54) 3292-7600

DANA INDÚSTRIAS LTDA.

www.dana.com.br

Rua Ricardo Bruno Albarus, 201 - Gravataí - RS
CEP: 94.045-400 - (51) 3489-3000

DIFERRO AÇOS ESPECIAIS LTDA.

www.diferro.com.br

Matriz: Caxias do Sul - RS

Rua - João Scarpini, 1.245
CEP: 95.043 -630
(54) 3224 -7600

Filial: Cachoeirinha - RS

Rua Manoel José do Nascimento, 771
CEP: 94.930 -340
(51) 3303 -7600

Filial: Araquari - SC

R. Fernando Cândido Lopes, 240
CEP: 89.245-000
(47) 2101-1700

Reciclagem de Metais:

Rua Dr. Mario Lopes, 7640
Caxias do Sul - RS - CEP: 95.043-240
(54) 3022-3400

DIVIMEC TECNOLOGIA INDUSTRIAL LTDA.

www.divimec.com.br

Av. Avelino Maciel Neto, 2201 - Glorinha - RS
CEP: 94.380-000 - (51) 34871-717

**DPS DISTRIBUIDORA DE
PRODUTOS SIDERÚRGICOS**

www.dpsdistribuidora.net

Rua Eça de Queiroz, nº 560 - Garibaldi - RS
CEP: 95.723-000 - (54) 3464-2410

FALLGATTER METALMECÂNICA

www.fallgatter.com.br

Rua Maurício Sirotsky Sobrinho, 930
Cachoeirinha - RS - CEP: 94.930 -370
(51) 2123 -4444 / 0800 -7024 -440

GERDAU S.A.

www2.gerdau.com.br

Av. das Nações Unidas, 8501, 7º andar
São Paulo - SP - CEP: 05.425-070
(11) 3094-6600

IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS JAN S.A.

www.jan.com.br

Av. Dr. Waldomiro Graeff, 557 - Não -Me -Toque
RS - CEP: 99.470 -000 - (54) 3332 - 6500

KEPLER WEBER INDUSTRIAL S/A.

www.kepler.com.br

Rua Adolfo Kepler Junior 1500 - Panambi - RS
CEP: 98.280 -000 - (55) 3375-9800

MARCOPOLO S.A.

www.marcopolo.com.br

Av. Rio Branco, 4.889 B - Caxias do Sul - RS
CEP: 95.060 -650 - (54) 2101 -4000

METASA S.A. INDÚSTRIA METALÚRGICA

www.metasa.com.br

Rodovia RS 324, Km 82 - Marau - RS
CEP: 99.150-000 - (54) 3342-7400

P.S. ZAMPROGNA PROD. MET. LTDA.

www.pszamprogna.com.br

Av. Guilherme Schell, 10.500 B - Canoas - RS
CEP: 92.420-000 - (51) 3272-0808

PANATLÂNTICA S.A.

www.panatlantica.com.br

Rua Rudolfo Vontobel, 600 - Gravataí - RS
CEP: 94.045-405 - (51) 3489-7777 - 3511-7777

**PANATLÂNTICA INDÚSTRIA E
COMÉRCIO DE TUBOS LTDA.**

www.panatlanticatubos.com.br

Rodovia RST 453, Km 80, nº 32.973
Caxias do Sul - RS - CEP: 95.042-190
(54) 3211-8500

PCP PRODUTOS SIDERÚRGICOS LTDA.

www.pcpsteel.net

Rua Evaristo De Antoni, 1.821 - Caxias do Sul
RS - CEP: 95.041-000 - (54) 3290-1900

PCP SERVIÇOS DE CORTE EM AÇO LTDA.

www.pcpservicos.net

Rua Evaristo De Antoni, 1.821 - Caxias do Sul -
RS - CEP: 95.041-000 - (54) 3028-4474

RANDONCORP

www.randoncorp.com

Rua Abramo Randon, 770 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95.055-010 - (54) 3239-2000

**REEMAQ. INDÚSTRIA DE EQUIPAMENTOS
PARA ALIMENTAÇÃO LTDA.**

www.reemaq.com.br

Rua Aleixo de Abreu, 74 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95.054-040 - (54) 3066-1170

SAMPAIO DISTRIBUIDORA DE AÇO S.A.

www.sampaio-sa.com.br

Rua Italo Raffo, 175 - Cachoeirinha - RS

CEP: 94.930-240 - (51) 3471-2100

**SERVICORTE INDÚSTRIA E
COMÉRCIO DE METAIS LTDA.**

www.servicorte.com

Av. Tancredo Neves, 600 - Cachoeirinha - RS

CEP: 94.930-540 - (51) 3074-3200

SIDERSUL PROD. SIDERÚRGICOS LTDA.

www.sidersul-rs.com.br

Av. Frederico A. Ritter, 2.101 - Cachoeirinha -

RS - CEP: 94.930-000 - (51) 3041-6565

SOLUÇÕES EM AÇO USIMINAS S.A.

www.usiminas.com/empresas/

solucoes-usiminas

Betim - MG

Rodovia Fernão Dias BR 381, Km 433

CEP: 32.670-790

Santa Luzia - MG

Av. Dr. Ângelo Teixeira da Costa, 602

CEP: 33.045-170 - (31) 3649-3000

Cabo de Santo Agostinho - PE

Av. Tronco Distribuidor Rodoviário Norte, S/ Nº,

Z13 - CEP: 54.590-000 - (81) 3527.5400

Porto Alegre - RS

Av. dos Estados, 2350

CEP: 90.200-000 - (51) 2131.1000

Guarulhos - SP

Av. Amâncio Gaiolli, 1890 - CEP: 07.251-250

Taubaté - SP - Av. dos Bandeirantes, 9000 A -

CEP: 12.031-020

**TRAMONTINA CENTRAL DE
ADMINISTRAÇÃO LTDA.**

global.tramontina.com

Av. Ivo Tramontina, 1024 - Bairro Triângulo

CEP: 95185-000 - Carlos Barbosa - RS

(54) 3461-8000

TRAMONTINA S.A. CUTELARIA.

Av. Ivo Tramontina, 1024 - Bairro Triângulo

CEP: 95185-000 - Carlos Barbosa - RS

(54) 3461-8400

**TRAMONTINA FARROUPILHA S.A. -
IND. MET.**

Rodovia ERS-122 - Km 61 - Distrito Industrial

Farroupilha - RS - CEP: 95178-000

(54) 3261-0000

TRAMONTINA MULTI S.A.

Rodovia BR - 470/RS - Km 230

Bairro Triângulo - Carlos Barbosa - RS

CEP: 95185-000 - (54) 3461-8250

**TRAMONTINA GARIBALDI S.A. -
IND. MET.**

Rua Tramontina, 600 - Bairro Três Lagoas

CEP: 95720-000 - Garibaldi - RS

(54) 3462-8000

TRAMONTINA TEEC S.A.

Rodovia BR - 470/RS - Km 230

Bairro Triângulo - Carlos Barbosa - RS

CEP: 95185-000 - (54) 3461-8100 ou

3461-8700

TRAMONTINA ELETRIK S.A.

Rodovia BR - 470/RS - Km 230
Bairro Triângulo - Carlos Barbosa - RS
CEP: 95185-000
(54) 3461-8200

TRICHES FERRO E AÇO LTDA.

www.triches.com.br
Av. Triches, 447 - Caxias do Sul - RS
CEP: 95.112-340 - (54) 2108-7700

**USINAS SIDERÚRGICAS DE
MINAS GERAIS S.A. - USIMINAS**

www.usiminas.com

Sede - Av. do Contorno, 6.594
Belo Horizonte - MG, CEP: 30110-044
(31) 3499-8110

Escritório RS - Av. dos Estados, 2.350
Porto Alegre - RS - CEP: 90.200-001
(51) 2125-5801

Escritório SP - Av. do Café, 277
Torre A - 9º andar - São Paulo - SP
CEP: 04.311-000 - (11) 5591-5200

VIEMAR INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

www.viemar.com
RS-118, 9393 - Viamão - RS
CEP: 94.420-400 - (51) 3357.0700

VALLOUREC TUBOS DO BRASIL S. A.

www.vallourec.com/br
Av. Olinto Meireles nº 65 - Belo Horizonte - MG
CEP: 30.640-010 - Caixa Postal 1.453
(31) 3328-2121

VOESTALPINE MEINCOL S.A.

www.voestalpine.com/meincol

Unidade Administrativa e Fabril

Rua Abel Postali, 539 - Caxias do Sul - RS
CEP: 95.112-255 - (54) 3220-9000

Unidade de Produtos Especiais

Estrada Paolo Radaeli, s/n. - Caxias do Sul - RS
CEP: 95115-700 - (54) 3220.9000



**Eficiência operacional,
inovação e sustentabilidade**

Compromissos da Usiminas com a comunidade,
clientes e o fortalecimento da Indústria Nacional

USIMINAS

voestalpine Meincol, 80 anos. O próximo passo para o futuro começa agora.



O futuro não acontece por acaso. Ele é construído passo a passo, com inovação, dedicação e visão.

Há 80 anos, a voestalpine Meincol faz a diferença no planeta e na vida das pessoas. Fortalecemos a agricultura, ajudando a produzir mais alimentos. Movimentamos a indústria automotiva, contribuindo para um transporte mais seguro e eficiente.

Damos forma à construção civil, construindo as bases para um mundo mais estruturado. Levamos nossa energia e criatividade para o setor fotovoltaico, promovendo um futuro mais sustentável, e muito mais.

Estamos prontos para dar mais um passo rumo ao futuro, dando forma aos próximos 80 anos com tecnologia, sustentabilidade e inovação.

 /voestalpine-meincol

voestalpine Meincol S.A.
www.voestalpine.com/meincol

voestalpine

ONE STEP AHEAD.

O FUTURO DO AÇO É AGORA

A economia brasileira cresce com a força e resiliência do nosso setor, que evolui constantemente com inovação e excelência.

A PAN/AFIL opera os mais amplos e modernos centros de serviços de aços planos do Brasil. Com 8 unidades conectadas, atendemos um mercado cada vez mais exigente, oferecendo eficiência e alta qualidade em nossos produtos especiais.

Nosso compromisso é unir tecnologia, qualidade e tradição no beneficiamento de aços planos, fortalecendo a parceria com nossos clientes.



PANATLÂNTICA S.A.
Matriz - Gravataí / RS



PANATLÂNTICA TUBOS S.A.
Caxias do Sul / RS



PANATLÂNTICA
Glorinha / RS



PANASER
Farroupilha / RS



TUBOSPAN
São Francisco do Sul / SC



PANATLÂNTICA
CATARINENSE S.A. Joinville / SC



PANATLÂNTICA TUBOS
Campo Limpo Paulista / SP



AÇOLOG
Joinville / SC

Conheça a empresa
através do nosso site
panatlantica.com.br



PANATLÂNTICA[®]